

# Letras e Artes

2.ª Seção N. 46  
Ano 2.º

SUPLEMENTO DE "A MANHÃ"

Rio, Domingo, 29-6-1947

## A CASA

CECÍLIA MEIRELES

**T**ENHO amado casas. No meu cortejo vai um vagão só de pedaços de arquitetura. E quando passo em revista a minha vida encontro as minhas dispersões em paredes embebidas de vozes, em portas e corredores com invisíveis presenças, em jardins e escadas que estão sentados comigo há imensos anos, e até em lugares onde nunca estive, mas com os quais me correspondo, e sei que me conhecem desde sempre, e, ainda quando pertençam a outros, para mim é que foram feitos. Isto são crenças inabaláveis. Nem adianta sacudirem a cabeça com pena, e dizerem que é sonho. O sonho é toda a minha verdade.

Tenho amado casas. E qualquer um pode fazê-lo, se tiver um coração delicado. Mas aconteceu que uma casa se enamorou de mim. E isso já é um pouco diferente, e não sei se a qualquer um pode acontecer. E assim como as criaturas fazem o relato de seus amores humanos, inventando mil coisas que não se passam nunca, farei o relato deste amor sobrenatural, que para mim nasceu entre muros de cimento, e agora está como a flor que se guarda na memória, mesmo depois que o fruto a quebra, e até quando a árvore mesma já morreu.

Era uma casa de esquina, vivia fechada, com o seu jardim quieto, com o seu portão imóvel. Seria belo dizer que voavam pombos por cima dela. Mas não voavam. Seria belo que um piano dentro dela erguesse a pálpebra, e o olhar da música vigiasse a noite. Mas era uma casa cheia só de silêncio.

Das minhas altas varandas a avistava. E se a noite, foi só por sua solidão, esse uniforme pelo qual — objetos, animais, pessoas, — fazemos o nosso reconhecimento. Pensei que seria meu destino amá-la. E sobre ela pensei algumas vezes, deslisando como pequena mosca pelas suas vidraças insondáveis, aventurando-me como os esbeltos gatos pelos ângulos do seu telhado, farejando o desenho secular e pueril das suas cornijas.

Certamente, se eu pudesse, daria volta à chave, entraria pela sombra das suas salas, deixar-me-ia envolver por essa atmosfera de onda e nuvem que possuem as casas fechadas longamente, — e diria o meu nome às suas musicais paredes, como os habitantes misteriosos dos

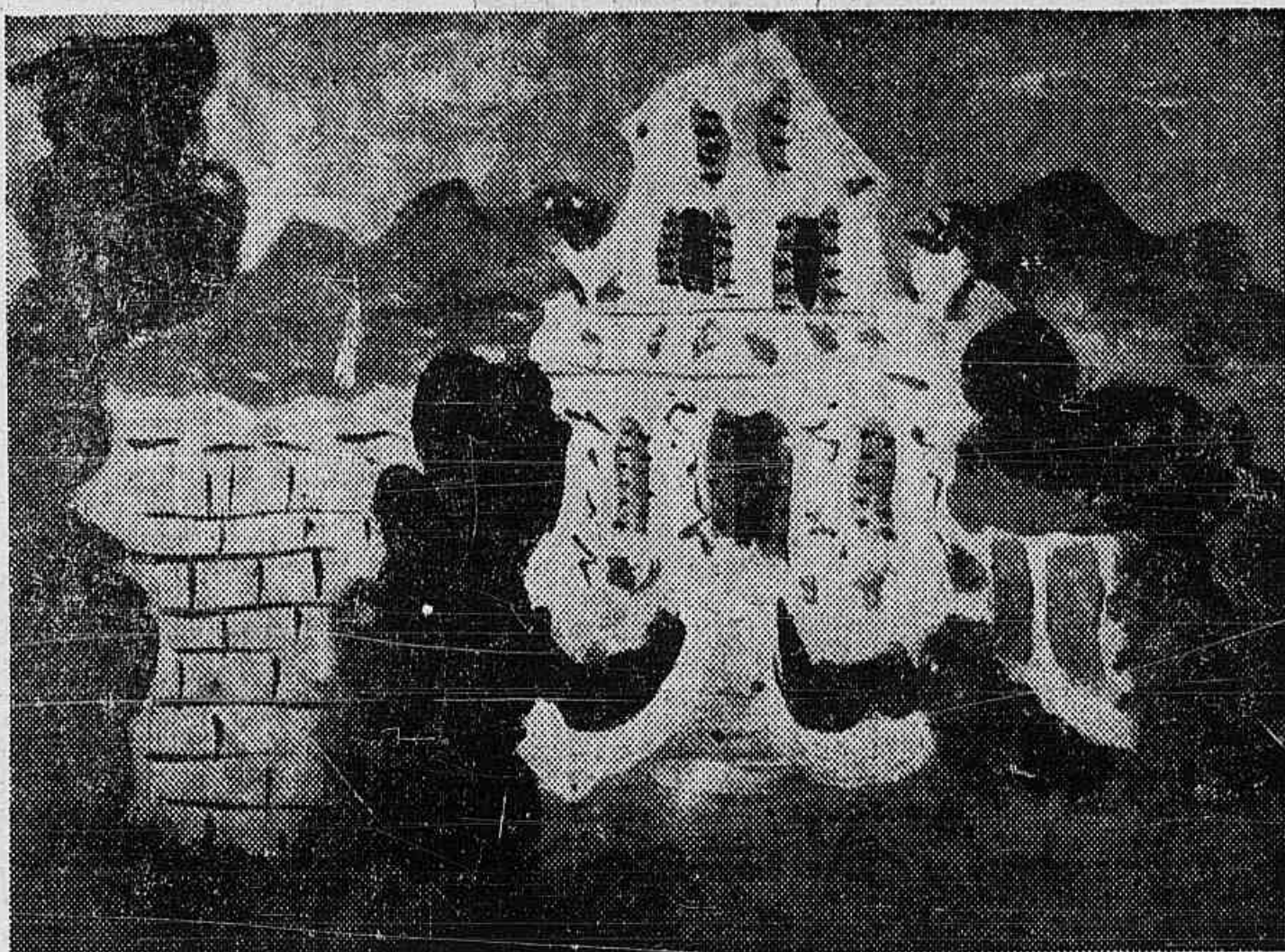
bússios estão dizendo o seu nome, interminavelmente, na helice das válvas, e como as abelhas estão cantando sua história dourada nas profundidades quase oníricas das campânulas.

Qualquer passo, numa casa fechada desperta os

Nunca esperei, no entanto, nada mais que esse meu amor. Porque o amor não precisa mesmo de nada. E até de certo modo, quando se fortalece muito, começa a excluir tudo. O amor quer ser sozinho, isento de repercussão.

Mas um dia a casa tirou

do era espectral, e só os azulejos rastejavam com suas flores por aquela palidez que se tornava fria e esqualida. E o luar andou polindo cerâmicas brancas, inventando coisas marinhas, fluidas e retorcidas, apenas com a sombra que encontrou pelos



Pintura — PICASSO (1931)

duendes. Qualquer palavra desencanta os dedos dos artesãos que ficaram na argamassa e a cabeça das noivas que erraram diante dos espelhos tão deslumbradas com o labirinto imaginativo de suas flores e de seus véus. Há também os enfermos, de rosto voltado para os muros, e os sapatos dos mortos deixam por vezes em algum canto sua sombra sem nenhum sentido. Os sapatos dos mortos são aburridos: olham um para o outro, conhecem sua total inutilidade e só as formigas os percorrem com urgência, mas sem religiosidade, como os turistas subindo as Pirâmides.

Pensei que das minhas altas varandas se inclinava um coração de amor para a casa solitária, e deixei-me ir vivendo essa nova ternura, com suas ausências, seu natural impedimento de distância, e a impossível comunicação. Mas afinal, aprendemos tanto com os homens a lição da renúncia que amar uma casa fechada é pequeno exercício; e uma casa vazia contém mais sonho e mais resposta que a maioria das pessoas.

tôdas as suas têlhas. E entendi que para mim as tirava, e que era o seu modo de dizer-me: «Eu também te amo». Era o seu modo de entregar-se.

E das minhas altas varandas vi toda a sua anatomia, suas divisões, suas passagens, suas claridades, seus descabros, a mancha dos quadros no papel das paredes, as pias, os lavatórios, os ladrilhos amarelos e azuis, o chão com a sua geometria, o lugar de comer, o lugar de dormir, e esse espaço geral de sofrer, que as casas piedosamente cercam com seus sucessivos regaços.

Quem transitava pelas ruas não sabia do acontecimento. A casa era a mesma com as janelas firmes na fachada, e seu jeito de senhora antiga muito bem sentada em vestido de franjas, com leque de plumas formando oasis nesse deserto que o tempo vai cavando por dentro das fotografias.

Mas o sol pintou aqueles interiores de muitas maneiras extravagantes, e às vezes tudo ficava amarelo, e às vezes tudo era encarnado como os incêndios, — e a certa hora tu-

cantos, e com os pequenos destroços que o vento e a chuva desprenderam daqui e dali.

Durante esse tempo, a casa me contava não apenas o que se passava dentro dela, mas o que ela mesma era: o que havia no interior dos seus muros, de que modo se sustentavam suas divisões, por onde entravam e saíam os segredos da sua estrutura. Contava-o com tanta simplicidade, que aquilo só podia ser a sua linguagem de amor — a sua revelação. E a fachada deixava passar aquela confiança para as alturas, para as minhas varandas. Lá em baixo, os transeuntes se moviam absolutamente cegos, com esses passos tontos que os homens têm, vistos de longe.

Depois, parece que não lhe bastou ter-me mostrado sua verdade interior: quis que eu conhecesse seu despojamento. E um dia desmoronou todas as suas paredes internas, e apareceu-me cercada apenas por seus quatro lados de aparência. Aquelas várias armações jaziam amontoadas, como se as damas dos retratos tivessem o capri-

cho de retirar de si, dentro dos alburnos, suas mantilhas, suas crinolinas, seus espartilhos, seus compartimentos mentais, sentimentais, tudo que dificulta, separa, investe contra as comunicações — e fossem apenas o espaço humano, esse momento sensível e clarividente que cada um de nós sente representado entre o bater do seu pulso e o pronunciar do seu nome.

Não sei quem levou para longe aqueles motivos de ruína, — os tijolos, a calça, o chumbo as ripas. Tudo desapareceu. E a casa ainda existia. E por fora não tinha mudança nenhuma. E a sombra das nuvens boiava na sua amplidão e só de ar e de luz e de som estava repleta. De silêncio, não. O silêncio voara, e olhava para ela, com os meus olhos. Ele e eu assistíamos a esse deixar de ser que parecia voluntário. E ouvíamos a casa dizer que desdenhava de si própria, que se achava desnecessária, que tudo quanto fora já não servia, e que até para abrigar e proteger é preciso inventar mil modos diferentes, sucessivos, porque as misérias dos homens que habitam as casas são muito complicadas, doloridas, assustadoras, inquietas.

E a memória da casa estava apenas no chão, no traçado do chão, por onde ela voltava ao seu começo, àquele tempo em que o arquiteto a inventara e ela era um vago pensamento. Era um desenho em cima da Terra, outra vez, mas um desenho que agora se apagava. Como as belas damas que se apagam nas fotografias, sem que a sua sombra, sequer, nos diga adeus.

A casa me foi dizendo adeus pouco a pouco, e muito amorosamente. E um dia olhei das minhas altas varandas e todas as suas janelas tinham saído, e suas quatro paredes tinham sido levadas, e ela não possuía mais limites: era um quadrado deserto, um pequeno quadrado do planeta, à mercê dos homens.

Foi só então que algumas pessoas repararam na casa que já não era casa. Que não era mais aquela casa. E como para os outros só tinha sido aquilo, é natural que não fosse mais nada. Nem deixara pó que sujasse a roupa dos passantes. Mas eu, que a tinha visto e ouvido... Ah, comigo foi diferente. Quando chegarmos à Eternidade, também ela estará

(Conclui na 6.ª pág.)



## NO MUNDO DAS LETRAS

### ★ VAI SER LANÇADO NO BRASIL O LIVRO DE CLEMENT ATTLEE

Nas próximas semanas, a Editora "A Noite" lançará o segundo volume de sua coleção "Imagens da Época", espetacularmente iniciada com "Escolhi a Liberdade", de Victor Kravchenko.

O livro programado foi "Bases e Fundamentos do Trabalho", de Clement Attlee, atual primeiro ministro britânico. Nesse livro, admiravelmente traduzido pelo sr. Enéas Marzano, o mais autorizado dos líderes mundiais do trabalho realiza uma exposição de seu pensamento político, encarando-os como doutrina, sistema político e ação social.

Ventila este livro todos os aspectos dos grandes problemas sociais, econômicos, políticos e humanos do mundo presente, analisados dentro da ideologia trabalhista, que se firma como uma escola prática de democracia, capacitada para a solução da questão social.

"Bases e Fundamentos do Trabalho" constitui o mais importante ideário já escrito sobre a doutrina trabalhista, esperando-se que o seu lançamento, no Brasil, contribua para esclarecer os pontos de vista e as finalidades dessa doutrina nem sempre compreendida em seus devidos termos pelo primarismo político e pela exploração demagógica.

### ★ VAI SURTIR A REVISTA "ORFEU"

Sob a direção de Fernando Ferreira de Loanda e Fred Pinheiro, sairá brevemente a revista "Orfeu", que apresentará colaboração apenas dos novíssimos, seguindo a trilha já iniciada por publicações como "Edifício", "Joaquim", "Paralelos" e "Agora".

Nessa revista, os novíssimos residentes do Rio afirmarão a sua posição em face aos problemas estéticos do presente e realizarão um movimento de julgamento dos mais velhos. Colaboradores de "Orfeu": Marcos Konder Reis, Darcy Damasceno, Léo Ivo, Breno Acioli, Dalton Thevisan, Paulo Mendes Campos, Helio Peregrino, Vanessa Neto, Bernardo Gersen, Haydn Goulart, Xavier Placer, Francisco Pereira da Silva, Jaques do Prado Brandão, Wilson de Figueiredo, Sansão Castelo Branco e outros.

"Letras e Artes", que acompanha com o mais vivo interesse a atividade cultural dos nossos jovens, saúda com a maior simpatia a revista "Orfeu" e os seus idealizadores.

### ★ O PRÓXIMO LIVRO DE BRENO ACIOLI

O próximo livro de contos de Breno Acioli não terá mais o título de "Dunas", como de há muito vem sendo anunciado. O escritor resolveu mudá-lo agora para "Cogumelos" e se acha trabalhando com afinco no arremate.

### ★ MODERNÍSSIMO TEATRO EM S. PAULO

São Paulo, dentro em breve, contará com um moderníssimo teatro, o melhor da América do Sul. Além do grande salão, para 1.600 pessoas, com palco giratório, destinado aos espetáculos, terá um outro para conferências e concertos de pequenos conjuntos, etc.

### ★ A GUERRA E OS LIVROS

Muito maiores que as perdas dos aliados, foram as perdas dos alemães em livros e bibliotecas, em consequência da guerra. A biblioteca do Reichstag, com 400 mil volumes, foi completamente destruída; a de Karlsruhe, com 380 mil, ficou reduzida a 5 mil; a de Essen perdeu 95 por cento do seu acervo; a de Leipzig de 190 mil passou a 15 mil. A única exceção até agora conhecida parece ser a do Museu alemão de Munich que conseguiu salvar-se da catástrofe. As perdas das bibliotecas universitárias também foram imensas.

### ★ CONFERIDO A JOSUE DE CASTRO O "PRÊMIO PANDIÁ CALÓGERAS"

A comissão julgadora do "Prêmio Pandiá Calógeras" instituído pelo sr. Valentim Bouças, e no valor de 25 mil cruzeiros, para ser atribuído ao melhor livro de ensaio sobre assunto brasileiro, reunida na sede da Associação Brasileira de Escritores, decidiu conferir aquele prêmio a Josué de Castro, pelo seu livro "Geografia da Fome". Decidiu também recomendar ao apêço público, pela importância de que se revestem, as obras "Planejamento Econômico do Brasil", de Américo Barbosa de Oliveira, e "Ensaio Sul-Americano", de Julio de Mesquita Filho. A comissão, eleita pela assembleia geral da ABDE, era composta dos seguintes escritores: srs. Peregrino Junior, J. Fernando Carneiro, Edison Carneiro e Guilherme Figueiredo, tendo declinado de funcionar na mesma, em vista de seu próximo embarque para a Europa, o sr. Miguel Osorio de Almeida.

### ★ O QUE LEREMOS BREVE

A "Encruzilhada dos Rebeldes", de John Steinbeck, será uma das próximas edições da Ipê.

— Outra obra a ser lançada pela mesma editora "Lidia Bailey", de Kenneth Roberts, romance histórico, pondo em destaque a magnífica figura de uma mulher que sabia inspirar os homens, guiá-los e decidí-los nos grandes momentos.

— Da mesma editora "Duelo ao Sol", de Niven Bush, romance do qual foi extraído um filme com Gregory Peck e Jennifer Jones, a ser exibido, breve, no Brasil.

— A Ipê iniciará, igualmente, uma série de livros infantis, primorosamente impressos. O primeiro deles, "Tomaz", de Acornero, traz ilustrações em oito cores.

— "Anteu e a crítica", ensaios críticos de Roberto Alvim Correa, será lançada pelo José Olimpio.

— Da mesma editora, uma obra de vulgarização científica do mais alto interesse: "Hormônios na reprodução humana", do George W. Corner, tradução de Claudio de Araujo Lima.

— Um livro de leitura sedutora é sem dúvida "Memórias", de Goethe. O segundo tomo, compondo-se de "Viagem à Itália" e "Campanha de França" e completamente independente aparecerá breve, em tradução de Osorio Borba com prefácio do Biito Broca.

Está, sem dúvida, tardando o aparecimento da 2.ª edição dos "Contos Gauchescos", de Simões Lopes Neto, de há muito anunciada pela Livraria do Globo.

### ★ UMA OBSERVAÇÃO SOBRE BALZAC

Eis aqui uma excelente observação sobre Balzac: "O que lhe falta em medida sobra-lhe em força".



## Através dos suplementos

DJALMA VIANA

**L**OUVADO seja Deus que uma boa mão resolveu afinal costurar com mais arte os nossos suplementos. Percebe-se um ponto mais seguro, uma distribuição de matéria mais estética, melhor seleção na equipe dos colaboradores. Já temos, de volta, o sr. Eurialo Cannabrava e, ao que se anuncia, não tardará o sr. Otávio de Faria em mandar de Paris uma série de autênticos robalos. O sr. Sérgio Milliet, que deixara o suplemento do sr. Raul Lima, reapareceu, arto como um garoto, no suplemento do senhor Pedro Dantas. E' verdade que não temos, nos suplementos, o sr. Alvaro Lins, nem o sr. Alvaro Lins e nem o sr. Graciliano Ramos. Não temos também um ensaísta como o sr. Nobre de Melo que, fora dos suplementos, lembra um peixe fora das ondas. Como quer que seja, porém, e apesar da obstinação do demente, a verdade é que os nossos suplementos vão andando para aquele ponto que constitui o sabor do doce em calda.

No entanto, embora o saneamento dessa baixada fluminense literária já mereça alguns galos, esquecer não podemos que nem tudo, por enquanto, é ouro. Ainda resta um cascalho inútil. Permanece ainda um fio de protecionismo que, inteiramente senvergonha, tenta impingir gato por lebre — ou seja, d. Ruth Guimarães por escritora e o sr. Olívio Montenegro por crítico literário. Tudo isso, porém, esses ossos todos, finalmente, também participam da sopa. E vamos concordar que, como diria o sr. Josué de Castro, em qualquer prato sempre há uma batata podre.

Algumas dessas batatas, e para felicidade geral da tribu literária, já descascadas e fritas, repousam agora no fundo do lixo. O sr. Gondin da Fonseca, o safadíssimo, por exemplo. O Joel Silveira, o potocheiro, outro exemplo. E' certo que outras, que inúmeros julgaram irremediavelmente bichadas e perdidas, reagiram na polpa e parece que, regeneradas, ainda servirão para fortespandadas. Nesse caso especial está o meu querido Nelson Rodrigues que, sempre usando vestido de noiva, e apesar de todos os esforços, ainda não conseguiu se casar com o teatro. Quase no mesmo caso, embora sua manecinha fosse com a crítica literária, estaria o sr. Antonio Candido se não houvesse resolvido voluntariamente abandonar as letras: o rapaz, que surgira dentro de enorme alarido, e que se pensava fosse um trovão, quando se aproximou e despiu o disfarce, era o que era, um bezouro!

Mas, desse ou daquele modo, o certo é que os nossos suple-

mentos vão subindo na cerca. Vão alcançando certa popularidade, sensivelmente menor, é exato, mas sempre uma popularidade que os coloca naquele plano dos Pimpinelas e dos Orlando Silva, o tal da voz de prata. E, como prova do que afirmo, e declaro, eu, Djalma Viana, sob fé da palavra, entro na demonstração. Que venha o primeiro suplemento!

## A MANHÃ

Se alguém achar que estou embaralhando minha própria casa, e isso porque veio em primeiro lugar o suplemento "LETRAS E ARTES", respondo que o faço em virtude do processo que expliquei no último domingo. Veio o suplemento, e veio espontaneamente. E, já que veio, contemplemos, deliciosos, a reprodução daquele quadro de Parédes, sobre Mozart, que, francamente, deverá fazer ferver o sangue do poeta Murilo Mendes. Mas, se a reprodução já significa um tesouro, que dizer então do artigo do sr. Otto Maria Carpeaux sobre o mesmo Mozart? Um artigo bonzão, de arrancar tocos e perfurar asfalto. Mas, como se o domingo estivesse a pedir, excelentes artigos, logo a seguir topamos com mais um — ótimo — do sr. Eurialo Cannabrava.

E, ainda que pareça pilhéria, o romancista José Geraldo Vieira, recuando no tempo, toma o pobre Heráclito como assunto e comete um dos mais fracos artigos de sua série. Enfim, deixemos Heráclito em paz, e, travando relações com o senhor Ataíde de Miranda, vejamos o que deseja esse senhor. Pouca encomenda, é certo, porque se preocupa com as línguas americanas e isso, com sinceridade, não me interessa! Interessa-se, porém, e muito, o poema "Transformação do dançarino", de d. Cecília Meireles que se completa numa admirável ilustração de Santa Rosa.

Fora este poema, e alguns outros que compõem uma pequena antologia de poetas portugueses, temos, pela ordem, um, do sr. Cassiano Ricardo, de grande sustança. O poema, realmente belo, que participa do novo livro do poeta, e que está despertando o mais alto interesse. "Um dia depois do outro", quase me impediu de prosseguir na leitura do suplemento. No entanto, ali estava, ao lado, o sr. Marques Rebelo e, o que ainda era mais sério, estavam fragmentos do seu diário. Tomei o diário como se temesse um bonde e, de parada em parada, acabei por topá-lo sr. Hermes Lima, isto é, topei mais uma "nota em torno do

contô". Li a nota e, como se saltasse de um para outro mundo, encontrei-me bebendo comprimidos de Somerset Maugham preparados pelo sr. Bezerra de Freitas.

Assim, robustecido pelos compromissos, e sentindo o músculo engrossar como sob a ação daquela espinafre do Popeye, foi que pude acreditar no que meus olhos viam: um tomatezinho do sr. Alirio Monte Wanderley, com retrato e xaranga, no suplemento. Deus louvado, teria o sr. Frederico Barata (contagiado o sr. Jorge Lacerda? Eis aí, meus leitores, um troço inexplicável. Enfim, como a desgraça já foi cometida, rodo sobre os pés e venham — que venham as horas antigas do sr. Franklyn de Oliveira? Com o Franklyn, que além do mais pita lá seu cachimbo com certa nobreza britânica, posso ler o artigo do sr. Silvio da Cunha sobre fotografias e fotografias.

E o suplemento, que ainda se desdobra em notas, e informações, e anúncios, deixa espaço afinal para que se possa apaciar um outro. Bem, temos aqui uma novidade. Calma, leitores, que a pressa é inimiga da perfeição.

## Correio da Manhã

A novidade, dizia, não se identifica naturalmente com o pequeno estudo do sr. Aurélio Buarque de Holanda sobre o estilo de Simões Lopes Neto. Também não se identifica com o artigo do sr. José Cesar Borba sobre o sr. Gilberto Amado. E nem tampouco com a análise que o sr. Edmundo Moniz vem fazendo sobre o "imperialismo soviético". Muito menos, com aquela extraordinária crônica que o poeta Carlos Drummond de Andrade assina e que, sem a menor dúvida, levanta intelectualmente o suplemento.

Não pensem os leitores que a novidade esteja ali, naquela reprodução do xilogravura formidável que Osvaldo Goeldi trabalhou para as obras completas de Dostoiévski. Nada disso! E, se não está no trabalho do grande artista, onde finalmente a novidade? Calma, leitores, que a pressa é inimiga da perfeição.

Juro, como o turco da anedota, que a novidade não reside no bate-papo do sr. Pimentel Gomes sobre a Amazônia. E não reside também na crônica, sempre lírica, do poeta Léo Ivo. Não reside ainda no estudo do sr. Vasco Mariz sobre Villa Lobos. Ora, leitores, que idéia pensar na seção do sr. José Condé? A indispensável seção, que informa como um dicionário, e que no suplemento do "Correio" é um ponto alto, poderia ser tudo, (Conclui na 8ª pág.)

## P Á G I N A S D E

MARQUES

26 de março de 193... A visão entrou. Estava ali, tinha vindo para mim, ausência misteriosa de um mundo sem mistérios. Falei-lhe como se a esperasse, como se não existisse tempo. Jamais para meus olhos um sorriso foi mais puro e compreensivo. As máquinas dominavam as vastas salas com seus batidos metálicos — cartas, cartas, ordens, agressões, sede de ganho, de lucro, de controle, cartas, memorandos. Sentouse na mesinha estreita como num ninho — fonte de vida, pura vida, vida eterna! Seus dedos brancos começaram a produzir cartas, ordens, agressões, tabelas, lucros, cartas, cartas, memorandos. E ela impassível como um anjo perdido que se sujeitasse às exigências

da terra. (Das amplas janelas avistava-se o mar pelos vãos dos arranha-céus. Navios iam e vinham. As chaminés sujavam o céu, mas o vento limpava-o, paciente). Chamava-se Luiza.

A vida precisa ser completa para ser vida. O meio termo cabe às almas mediocres, das quais Délio Porciúncula seria um símbolo e o Pereira quase um símbolo. E passa-se um dia e o pensamento se apura ou se complica: a vida precisa ser vivida para ser vida, não sofrer cabe às almas mediocres. Delas nada fica. Renunciar à dor é cessar de viver.

Mamãe era uma alma ingênua. Sacrificada pelo trabalho insano,

não tivera mocidade, ou melhor, não gozara a mocidade. Casara-se muito cedo, namoro de vizinhos, feito com muitas cartas às escondidas por cima do muro divisorio, extenso muro de pedra, limoso, crivado de avencas, ninho de medrosas lagartixas. Papai não estava em condições de se casar. Ganhava pouco. Mas como era muito trabalhador, vovô não fez oposição: "É deixá-los. Eu os ajudarei".

Os propósitos eram ótimos, mas a morte não admite propósitos. Veio com sua foice e zaz! — levou vovô. O inventário foi cruel. Vovô nada tinha. As aparências consumiam-lhe os ordenados, os seus bons ordenados de desem-bargador. Papai entregou-se à luta



# DA INTERPRETAÇÃO NA CRÍTICA DE LITERATURA

WILSON MARTINS

**P**ODER-SE-IA reduzir a crítica, como queria Thibaudet, a uma leitura inteligente, se atribuíssemos à palavra "inteligente" todo o seu amplo significado etimológico, que inclui a compreensão por assim dizer lógica do texto mas também a sua compreensão psicológica, que em certos casos é de maior importância que a primeira. E "intelligere" não é apenas entender, como aconteceu em sua "Psychologie" o Cardeal Mercier: é principalmente "recueillir parmi diverses choses", escolher o mais próprio entre vários sentidos possíveis.

Justamente, a lucidez crítica a propósito dum autor ou de uma obra aumenta à medida que possuímos sobre ele ou sobre ela as reflexões de vários críticos, desde que cada um tenha penetrado alguma coisa a mais em sua realidade psicológica. A inteligência lógica dum texto é a que alcançam geralmente as pessoas alfabetizadas que o lêem, sem que isso corresponda necessariamente a qualquer "descoberta" crítica: e já que os exemplos extremos são os mais eloquentes, lembremos o caso de Kafka, que exige simultaneamente esses dois graus de penetração, que não admite quase nenhuma interpretação lógica ou gramatical, e pede a mais completa e profunda interpretação psicológica. Os que não conseguem transpor a leitura lógica são os que "não compreendem" Kafka, ou, mesmo o sr. Carlos Drummond de Andrade ou qualquer dos poetas chamados modernos; só os temperamentos críticos fazem a leitura psicológica, a leitura "inteligente" a que Thibaudet se referia.

Reduzindo esse problema a um palavreado mais simples, ou menos rigoroso, poderíamos dizer que a crítica só se pode fazer com eficiência à medida em que soubermos penetrar nas "intuições" do autor: não basta, apenas, entender o que ele escreveu, mas também o que ele quis dizer com o que escreveu. Porque as palavras são insuficientes ou por demais grosseiras para alguns tipos de raciocínio e de criação: e o bom crítico será o que puder ver através delas a eventual riqueza que escondem. Encontrei no esquecido Maeterlinck um pensamento de Carlyle que me parece interpretar bem a situação: "Malheur à nous si nous n'avons en nous que ce que nous pouvons exprimer et faire voir!" A substância não se mede tanto pelo que foi dito como por aquilo que não se pôde dizer — o que não representa, está claro, um elogio da

insuficiência, ou a transformação da crítica em adivinhação, mas o reconhecimento dos limites da transmissão do pensamento que qualquer psicólogo de qualquer escola poderá, sem dúvida confirmar.

Ora ninguém pode se supor um crítico se não possuir a força de fazer do texto uma análise psicológica: se não perceber o que não pôde ser expresso e o que não foi possível iluminar a todas as luzes do pensamento lógico.

E é o que eu chamo a interpretação crítica: essa tarefa que não pode deixar de ser honesta se quiser ser fecunda e que consiste em se colocar o crítico na posição do autor, em "refazer" o seu pensamento ou a sua criação, em recaminhar o caminho por ele percorrido, em se identificar com a sua obra, em delinear o mais perfeitamente possível os seus limites. Já o velho Plotino, esse grande mestre da crítica, dizia que o olho jamais teria percebido o sol se previamente não tivesse adquirido a forma do sol, da mesma forma por que a aluna não saberia distinguir a beleza se não se tornasse primeiramente bela ela mesma, e que todo homem deve começar por se tornar belo e divino se quiser possuir o sentido da divindade e da beleza. Essa também a delicada tarefa do crítico: e o fato de que ela não se possa realizar sem uma certa proporção obrigatória de erro não invalida a legitimidade e a necessidade dos juízos, como a dose necessária de erro nos cálculos dos engenheiros não significa um desajustamento da matemática com a realidade senão na medida em que a realidade é grosseira demais para se ajustar ao rigor puro do pensamento matemático. A crítica prevê, também, de sua parte, uma proporção obrigatória de erro, e será tanto mais exata quanto melhor puder diminuir, à força de leitura inteligente, esse lastro pesado que corresponde à geral imperfeição do homem.

Apenas com a leitura lógica não se pode realizar a crítica de literatura, como não se pode realizar a crítica das artes plásticas apenas com verificações métricas. A interpretação literária exige o exercício psicológico (ao lado do histórico, como sabemos), realizado dentro de condições de objetividade e pureza que não lhe perturbem as conclusões. Pois se o crítico, realizando embora a leitura psicológica, encontra no texto aquilo que lá não foi posto, encontra nele apenas aquilo que só existe dentro de si mesmo, estará cometendo, juntamente com um censurável ato

moral, um erro palmar de crítica e de interpretação.

Bem sei que muitas vezes é difícil para o crítico despir-se de todos os seus "bias" idéias feitas, formação educacional, leituras prediletas, e, principalmente como é difícil admitir em nossos adversários de idéias a partícula de verdade que eles possuem indiscutivelmente. Pois como disse Maritain, "difícilmente um homem possui uma verdade sem aproveitar-se dela para desprezar as outras verdades". São contingências que provocam fatalmente uma refração na objetividade, ainda mais sob o império das tendências à generalização próprias do espírito do homem: se o crítico deseja, por exemplo, provar a invasão de um certo espírito de autoritarismo nas idéias modernas, é quase inevitável que certas "nuances" sejam sacrificadas pela necessidade de argumentar em bloco, de provar maciçamente mesmo com o desprezo dos elementos históricos que a leitura psicológica não pode menosprezar. E as "nuances", como o demonstrou um dia essa excepcional inteligência crítica que se chama Otto Maria Carpeaux são o que há de vital na existência das idéias, sendo a ausência do espírito de "nuance" um dos fatores de maior responsabilidade na atual desorientação do mundo.

De resto, a simples filiação a qualquer corrente do pensamento corresponde a uma rejeição voluntária do espírito de "nuance" em favor das convicções em bloco: e nada existe de mais perigoso para o exercício exato da objetividade crítica que isso de julgar em bloco as idéias alheias empurradas pelas convicções totais em que nos acastelamos. É verdade que a esses riscos correspondem naturalmente, algumas vantagens, entre outras a de solidificação da posição cultural do crítico, obtida em troca da disponibilidade. E não sei qual o autor que dizia só ser genuína a crítica apaixonada, isto é, a crítica que se exercita em nome de um núcleo de verdades oposto a todos os outros núcleos que possam existir. Sem ir tão longe, é inegável a tendência do homem de adotar um "sistema", de se resguardar debaixo de um conjunto de dogmas, já "pensados" e defendidos por outros, em busca da segurança que é a atmosfera vital por que anseia a inteligência. Sabe-se em sociologia como o grupalismo torna mais fácil a vida de indivíduo, mais segura e de uma certa forma mais livre, ainda que essa liberdade deva contentar-se com os limites impostos pelo próprio grupo.

(Conclui na 8.ª página)

## NO MUNDO DAS LETRAS

### ★ CRIADO NA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES O "PRÊMIO MARIO DE ANDRADE"

Desenvolvendo o seu louvável programa de multiplicar os prêmios literários, a Associação Brasileira de Escritores obteve, por doação do empresário N. Viggiani, a criação de mais uma recompensa, que vem juntar-se a outras, como sejam o "Prêmio Pandiá Calógeras", doado pelo sr. Valentim Bouças, o "Prêmio Edições Condé", doado por João Condé, e os que estão sendo estudados em seu pormenores, o "Prêmio Fundação Brasil Central" e o "Prêmio Afrânio Peixoto".

O empresário sr. N. Viggiani, desejando contribuir para o estímulo das letras musicais no Brasil, autorizou a A.B.D.E. a distribuir anualmente um prêmio de Cr\$ 10.000,00, intitulado "Prêmio Mario de Andrade". Concorrerão anualmente a esse prêmio quaisquer obras sobre música brasileira, escritas em português, de autoria de escritor brasileiro ou estrangeiro filiado à A.B.D.E., independentemente de inscrição formal, publicadas cada ano. A comissão julgadora do prêmio será assim constituída: um membro designado pela Escola Nacional de Música, um designado pelo Conservatório de Música do Rio de Janeiro, um designado pelo Conservatório de Música de São Paulo, um membro designado pela diretoria da A.B.D.E., seção do Rio de Janeiro, este somente com direito a voto de desempate. Ao fim de cada ano, a A.B.D.E. do Rio oficiará a cada uma dessas entidades solicitando a designação de seu representante. Os votos serão dados por escrito, enviados à A.B.D.E., seção do Rio, e abertos em sessão pública da diretoria, na primeira quinzena de janeiro.

### ★ ESCRITORES BRASILEIROS NO ESTRANGEIRO

Encontra-se na Suíça a sra. Vera Pacheco Jordão, espírito sempre interessante pela vivacidade de suas impressões de viagens e reportagens literárias.

Visita, atualmente, os Estados Unidos a poetiza e escritora Haidé Nicoluzzi.

Partiu para a França, onde, aliás, esteve há pouco tempo, o sr. Miguel Osorio de Almeida.

### ★ A ESPÓSA DE CHARLES MORGAN

A mulher de Charles Morgan, o celebrado autor de "Sporkenbroke", também é romancista. Assina-se Hilda Vaughan e a tradução de um romance de sua autoria "O Soldado e a Castela", acaba de aparecer recentemente em francês.

### ★ SÃO TOMÁS E O EXISTENCIALISMO

O "Osservatore Romano", órgão do Vaticano, divulga que o Colegio Pontifical Romano, de São Tomás de Aquino, vai encetar — em princípio de abril — discussões referentes ao Existencialismo. Tais conferências terão por objetivo o confronto dessa doutrina com a daquele Santo, patrono da instituição.

### ★ "TRATADO DE NUTRIÇÃO" DE DANTE COSTA

A ciência nem sempre encontra bons instrumentos de expressão, realizando o ideal da verdade científica, traduzida com bom gosto e elegância literária. Mas, cujo nome, não só em nosso país, como no estrangeiro, goza de merecido prestígio. Não será e não é esse o caso de Dante Costa, e preciso acrescentar que se trata de um escritor, também dos mais acatados em nossos meios intelectuais. Essas duas qualidades de cientista e homem de letras estão reunidas no seu "Tratado de Nutrição", que acaba de ser publicado e constitui um dos trabalhos mais completos sobre o assunto até hoje aparecidos em português. Possuindo toda vasta erudição que caracteriza obras dessa natureza, reúne além disso as condições pessoais do autor, quer do ponto de vista doutrinário, quer do ponto de vista do resultado de suas próprias pesquisas. O prof. Dante Costa, um dos pioneiros da ciência da nutrição em nosso país, foi um dos organizadores do Saps, serviço no qual é hoje Diretor dos cursos científicos.

### ★ CONFERÊNCIA DE CASSIANO RICARDO NA ACADEMIA

Acaba de ser convidado oficialmente pela Academia Brasileira de Letras, por intermédio do seu presidente, João Neves de Fontoura, o acadêmico Cassiano Ricardo para realizar uma conferência no Petit Triangon sobre a vida e obra do patrono de sua cadeira, o poeta Luiz Guimarães, cujo centenário de nascimento transcorreu este ano.

### ★ AUTORES BRASILEIROS

Vários autores brasileiros serão lançados brevemente pela Editora A NOITE, entre os quais figuram: Bezerra de Freitas, em um livro ilustrado por Santa Rosa, intitulado "20 poetas ingleses", e que é um ensaio sobre o desenvolvimento da poesia britânica através de seus vultos mais representativos; "Horizontes Noturnos", livro de contos que será a estréia de Almeida Fischer, uma das figuras mais representativas da nova geração; "O mundo sem Deus", um romance de Lucio Cardoso e vários outros.

### ★ EXPOSIÇÃO DE CERÂMICA POPULAR PEINAMBUCANA

Na sede da Associação dos Servidores Cíveis do Brasil, realiza-se a Exposição patrocinada pela Biblioteca Demonstrativa Castro Alves, do Instituto Nacional do Livro, em colaboração com a Diretoria de Documentação e Cultura de Pernambuco. Essa Exposição está obtendo êxito.

### ★ UMA OBSERVAÇÃO DE DUHAMEL

Falava-se de más leituras ao lado de Georges Duhamel. O autor de "Chronique des Pasquier" fez uma reserva: — Não há más livros senão para os más leitores. A arte não corrompe senão as almas baixas.

### ★ "PÉGU"Y

Em tradução do sr. Afrânio Coutinho, a Livraria Agir Editora acaba de publicar "Péguy", magnífico livro de Daniel Rops sobre o grande poeta francês.

Charles Péguy exerce ainda hoje, muitos anos depois de seu desaparecimento, uma marcante influência no pensamento das novas gerações.

O "Péguy" de Daniel Rops está destinado ao maior sucesso.

### ★ "CAMÕES E DINAMENE"

O sr. Antonio R. Amaral, baseado em interessante lenda sobre a vida amorosa do grande poeta português Luiz de Camões vem de publicar "Camões e Dinamene", original drama em três atos.

O volume traz várias ilustrações no texto e interessante capa.

## UM DIÁRIO

### REBELÔ

ta, sozinho, moço, inexperiente, sem dinheiro, corajosamente. Mãe não se amedrontou. Foi um inverno de tristezas. Eu nasci.

1910. O cometa tomou o céu com seu clarão inesquecível, belo e terrível, como se fosse incendiar o mundo. Os corações tremiam. A vassourinha da modinha vinha varrer os corações.

É impossível rememorar os fatos em ordem cronológica. Eles nos acodem com imensa versatibilidade. Anotemos a corrente das lembranças e, quando menos esperarmos, teremos formado o manto que veste a nossa vida. Exquisito manto de retalhos! Quanta cor enganosa, quanto som desafiado, quanta forma adversa.

E não é possível compreender os fatos imediatamente. Seríamos vítimas da fantasmagoria universal que nos cerca. E as nossas paixões como deformam tudo!

1915. Papai acompanhava com o dedo aladôfilo os mapas nos jornais. Os cânhões de Verdun vinham ecoar na casa da Tijuca. Sombras de mangueiras e tristes serenatas ao frio luar das madrugadas. E o gato cinzento, sorridente, malicioso, espreitando pelo jardim o voo colorido das minhas borboletas.

Não o julgemos pela aparência da rua ou do escritório. Dentro de casa S. é outro — amável, cordial, atraente, convidativo.

Gosta de receber e sabe receber — boa louça, grande comida. Mas dificilmente chega à intimidade, quando a intimidade é o caminho mais breve do amor.

Sensação de esquecimento, de ausência — o bonde corre. De repente, volta ao mundo sem que nenhum movimento do mundo me tivesse solicitado. Sol brilhante, céu azul, tantos homens. O mesmo cansaço. Sinto que fiz uma pequena experiência de morrer.

Era uma luz branca e branda... A perna nua fugindo dos lençóis como uma âncora. O nariz de morta espetado no sonho, que sonhos! com ranger de dentes no travesseiro mole.



UM DOS problemas que mais duramente desafiam a organização das sociedades defensoras da criação intelectual e da complexidade da defesa do que Paul Olagnier nos seus magníficos volumes "Le droit d'auteur" e "Le droit des interpretes" como eu gostaria que os juristas da Câmara dos Deputados, que ora examinam o projeto de lei de direito autoral dos escritores, lessem as obras desse grande advogado parisiense!; denominou "direitos derivados". São direitos derivados, como o nome indica, aqueles que podem decorrer posteriormente à primeira manifestação da vontade do autor de divulgar ao público o fruto de sua criação. O direito primitivo é o que ele tem de expor ao público a sua obra, consentir no conhecimento dela, ou suprimi-la. Os direitos derivados são os que o autor adquire como resultante daquele ato de sua vontade. Envolvem tanto quanto e primeiro, um aspecto moral e um aspecto pecuniário, isto é, o mesmo tempo visam proteger o artista ou o cientista quanto à integridade da obra e quanto à remuneração devida ao autor.

Olagnier considera direitos derivados do primeiro grau o de execução e o de reprodução; e de segundo grau o direito de arranjo, o de adaptação das artes figurativas, o de tradução. Teles Neto, que creio, é o único autor brasileiro que até hoje estudou a classificação de Olagnier, assim divide os direitos derivados: do primeiro grau, os de adaptação da obra; do segundo grau, os de reedição e tradução; do terceiro grau, os de citação, reprodução, cópia, anotação e comentários em separado ("Como proteger a atividade literária"). O simples exame da questão dos chamados "direitos derivados" mostra que eles tanto podem provir da modificação da obra dentro de uma mesma espécie de arte, como da transposição da obra de uma arte para outra como da edição de nova forma de arte à originária da obra. Quando a transformação se exerce dentro da mesma arte, como é o caso da adaptação ou da tradução, em que a forma foi modificada sem que a

# Proteção dos direitos derivados através de uma federação

GUILHERME FIGUEIREDO

obra deixasse de ser divulgada pelos mesmos processos industriais ou artísticos com que o foi na forma originária, a proteção do direito autoral se torna relativamente fácil, sempre que existe um órgão para exercê-la. Assim, os direitos sobre o "arranjo musical" são fiscalizados e amparados pela mesma sociedade de classe que protege a obra originária; a transformação de um romance em poesia, a sua redução, a sua adaptação em infantil situam a nova obra na mesma espécie da anterior. Bastaria então que a entidade profissional a que pertence o autor da obra verificasse se é legítima a transformação da mesma proteja ambos as formas quanto à contrafeição, recolha os proventos resultantes da nova forma e os distribua pelo criador do original e pelo criador da transformação.

Mas nem sempre um direito derivado incide sobre a modificação da obra dentro de uma mesma espécie de arte. Ao contrário, os casos mais frequentes são os de transposição da obra, que deixa assim, de ser "expressa" por escrito para ser interpretada com a voz, ou executada com instrumentos, ou representada plasticamente. Em tais casos, é necessário que a proteção não desapareça, nem que a fiscalização do direito autoral se torne menos eficiente e rápida. Mas é justamente aí que entram em choque, muitas vezes, duas ou mais entidades de classe, trazendo como resultado o afrouxamento do amparo que devem dar ao autor, ou aos autores. Também no caso das obras coletivas, para as quais contribuem artes diversas, como por exemplo o teatro musicado, em que tomam

parte ao mesmo tempo o libretista, o compositor da música, o cenarista ou figurinista, os intérpretes, ocorre que nem sempre a proteção se exerce igualmente sobre a parcela que toca a cada um dos autores. Um exemplo: a inexistência de uma entidade protetora de direitos autorais do escritor levou o poeta Manuel Bandeira a proteger, tanto quanto podia fazê-lo individualmente, os seus poemas escritos. Mas já não consegue fazê-lo tão eficientemente quando são tirados de seus livros e publicados em jornais, revistas, antologias sem o seu conhecimento e sem sua permissão. Esses mesmos poemas foram musicados, e depois disso cantados em concertos pagos ou programas comerciais de rádio. Pois bem: a música feita para os mesmos foi devidamente protegida, porque já existia uma entidade para tanto, à qual se filiaram os compositores; mas as palavras do poeta não puderam merecer qualquer amparo, porque a entidade em questão não possuía uma categoria de membros que fossem autores de obra impressa e como tais pudessem ser protegidos.

Num país como a Itália, cuja expressão mais rendosa de arte é coletiva, o drama lírico, precisou desde logo uma proteção, e que viu, depois da guerra de 1914, fugir-lhe das mãos uma promissora indústria de arte coletiva, a do cinema, a questão foi encarada seriamente, na lei de 1925, e mais ainda na de 1941. Mas ambas trazem o vício inicial de serem decretos totalitários sobre manifestações que devem ser absolutamente livres; e de tal contradição resultou que os

sindicatos de artistas e as sociedades autorais acabaram reunidas sob o guante do Estado e do Partido Fascista, com o nome de "Ente Italiano per il Diritto di Autore", que reúne ao mesmo tempo artistas, trabalhadores profissionais e industriais da arte, numa harmoniosa salada pela qual os autores ganharam o direito autoral e perderam a liberdade de se manifestar. Basta ver a organização da entidade italiana, policiada pelo governo e pelo partido único, e basta ver a história de sua transformação para se verificar essa verdade. Em 1891, foi aprovado por decreto o estatuto da Società Italiana degli Autori; em 1925, foi promulgada a primeira lei fascista sobre direitos de autor; em 1927, um decreto transformava a associação em Società Italiana degli Autori ed Editori, o que iria importar na dominação daqueles por estes; em 1941, a nova lei autoral criava o "Ente" que submetia o artista ao Estado. Pelo texto da lei, verifica-se que os direitos derivados são cuidadosamente protegidos, e que é relativamente fácil ao "Ente" amparar os que são resultantes da transposição da obra de uma para outra arte ou de acrescentar de nova "expressão" a uma forma de arte; mas tudo isto só começa a acontecer quando o artista está submetido ao "Ente", ao partido, ao Estado e... aos industriais das diversas artes.

Como, então, conciliar a existência de entidades diferentes, para a proteção de diferentes artes, com as questões oriundas dos direitos derivados, e sem que isto represente, para cada autor, o ingresso para uma nova associação, cada vez

que pretenda amparar sua obra? Tenha-se ainda em conta que nem sempre uma entidade, especialmente criada para uma espécie de proteção, pode admitir como filiado um autor de obra que não daquela espécie; e note-se que o autor que necessita de amparo é em geral pobre, e não pode suportar no seu orçamento a filiação a várias entidades. Nos Estados Unidos onde a indústria levou a arte a uma extrema profissionalização, cada setor artístico está organizado num "guild", todos filiados à Author's League; mas, ao que estou informado, os agrupamentos dos diversos "guilds" só chegam a uma ação coletiva diante de atos que os firmam de frente, como é o caso da campanha agita promovida contra as leis anti-trabalhistas que pretendem extinguir as greves, ou proibir as greves de solidariedade. No Brasil, não existe tal profissionalização, e nem mesmo pode vir a existir tal nos Estados Unidos, e isto porque não há meio legal, nem conveniência democrática, em que se transformem as sociedades autorais em sindicatos submetidos ao Ministério do Trabalho. Por isso, ao examinar esta questão, a Associação Brasileira de Escritores decidiu entrar em entendimentos preliminares com as demais sociedades de direito autoral, tais como a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, a União Brasileira dos Compositores e a Associação Profissional dos Artistas Plásticos, a fim de que se funde uma Federação das Associações Brasileiras de Autores. Esse órgão poderá, através da delegação dos poderes do mandato implícito dado por cada associado de cada entidade, proteger eficazmente todos os casos nascidos dos direitos derivados da transposição das obras, e assim, democraticamente, vir a amparar o romance levado à tela, a peça de teatro levada ao livro, o poema levado ao rádio, o quadro levado às artes gráficas, a reprodução das fotografias, enfim todas as modalidades de manifestação dos direitos derivados, das artes coletivas, promover as autorizações a evitar a contrafeição.

## ★ "Dia e Noite"

De certo, quando Edgar Allan Poe escreveu a "História do Homem que se tornou um poeta" não era "facilmente" um poeta que aludia a excessiva lucidez da jovem escritora mineira. Mas iríamos penetrar num debate difícil e complicado:

Saber até onde a lucidez, ou antes, inteligência como faculdade de análise e crítica, permite a poesia. O fato é que temos grandes poetas lucidos. Veja-se, por exemplo, se não se encontra nessa classificação o lirismo de Manuel Bandeira. A "Inteligência" não impedia certamente. Etilene Filho de dar-nos um belo feixe de poemas no livro "Dias e Noite", que acaba de publicar. E de maneira geral pode-se dizer que esses poemas se filiam a espécie de neo-romantismo predominante na geração moderna. Lucido o autor não recua no bemalismo, e assim as suas vozes encontram logo ressonância em nosso espírito, evidenciando uma extraordinária facilidade de captação do mistério poético. Etilene Filho consegue criar essa atmosfera mágica capaz de converter em valores estéticos as emoções. (Es. da Agir).

## ★ Explicando o Brasil

"Interpretação do Brasil", o último livro de Gilberto Freyre, ora apresentado na coleção "Documentos Brasileiros", foi escrito diretamente em inglês, pois reúne conferências pronunciadas pelo autor em 1945 na Universidade de Illinois. Olívio Montenegro encarregou-se de vertê-lo para o português o volume e de escrever-lhe uma introdução, que é antes um estudo penetrante sobre toda a obra de Gilberto Freyre. "Interpretação do Brasil" constitui uma espécie de resumo dos trabalhos sociológicos do autor, que no fundo não têm procurado outra coisa senão explicar, penetrar nos segredos da "príque" brasileira. Mas aqui, Gilberto se mostra mais conciso e por isso



## Livros em revista

mesmo mais fácil, ao alcance de um número muito maior de leitores. Um livro excelente, rico de sugestões e de ideias (Es. José Olímpio).

## ★ Poesia Liberdade

Em seu aparente hermetismo, Murilo Mendes é um dos nossos poetas que viveu em comunhão mais estreita com o mundo, com as variações sociais, políticas e morais do tempo. As duas séries de poemas efêmeros neste livro "Poesia Liberdade" são de 1943 e 1945. Testemunham e refletem o que de mais terrível houve nesses dois anos: a guerra e as decepções provenientes dos efeitos da guerra e da paz ainda longínqua. Nada vem que se pareça com a chamada arte interessada. Apenas o poeta sofreu os grandes sofrimentos desses dias e comunhão absoluta com o tempo. A guerra com suas consequências pavorosas, surge aqui, através do espírito e do coração de alguém que, já há muito, afirmou de si próprio: "sou irrevogavelmente poeta". Uma expressão típica do nosso tempo é a arte de Murilo Mendes.

## ★ "A Fonte Inconstante" de Lídia de Alencastro Graça

Acaba de sair, em volume que traz uma capa de Santa Rosa, o livro de estreia de Lídia de Alencastro Graça. É uma coletânea de poemas, intitulada "A Fonte Inconstante" na qual se firma um dos mais sugestivos momentos da poesia brasileira, neste ano de 1947. Lídia de Alencastro Graça, já conhecida dos nossos círculos literários

através de poemas publicados esparsamente, apresenta-se agora como uma poetisa dotada de uma forte capacidade de emocionar. Seus versos são atravessados por uma atmosfera feminina que lhe dão um encanto admirável, e os temas reafirmam a impressão que nos é transmitida de uma sensibilidade translúcida, aberta para as alegrias e as tristezas da vida, e vigilante em face dos problemas ansejados pelo aspecto formal dos versos.

"A Fonte Inconstante" não é apenas um belo título. É a referência de um dos belos instantes da poesia feminina, nos últimos anos.

## ★ As grandes amizades

Neste livro "As grandes Amizades", Raissa Maritain, num tom de pura e discreta intimidade, com o seu acentuado dom de poesia, conta-nos a história do renascimento católico na França dos princípios do século 20. Por essas páginas de reminiscências e lembranças passamos, então, as figuras de Peguy, de Vacherot, de Massis e de Jacques Maritain, todos vividos do fundo da incredulidade para renovar ainda uma vez as raízes do Cristianismo. As lutas, os sofrimentos, as alegrias, os episódios dramáticos dessa revolução espiritual aí se encontram num testemunho eloquente e enérgico. (Ed-Agir)

## ★ "Católicos de hoje"

O padre Marcel-Marie Demarais O. P., doutor em filosofia e em teologia, diplomado pela Universidade de Varis e que tendo vivido durante muito tempo no Canadá, encontra-se pre-

sentemente no Brasil, realizando conferências em São Paulo e o autor do livro "Católicos de hoje", ora entregue ao público brasileiro. Trata-se de uma obra para o povo, mas não propriamente popular, porque este objetivo sugere a impressão de ciência trocada em miúdos, isto é, medíocridade. Se o autor desce ao nível do leitor comum é para fazê-lo subir ao nível da mais elevada Verdade. Uma obra, que procura dizer exatamente em que consiste o catolicismo e como tem sido o mesmo mal compreendido. (Es. Agir)

## ★ "AQUI NÃO SE DESCANSA"

Um dos mais dramáticos depoimentos sobre a Itália fascista é, sem dúvida, o livro de Indro Montanelli "Aqui não se descansa". Pouco editado pela "Ipê" em excelente tradução de Meotti Del Pichia. Em forma de romance, o autor relata acontecimentos verdadeiros, deixando assim à posteridade o testemunho de um homem de boa vontade, envolvido pela voragem que precipitou a Itália no desastre dos últimos anos. No número passado já nos referimos a esse livro, motivo por que nos limitamos hoje a estampar o retrato do autor.

## ★ "Servidão Humana"

Erico Verissimo declarou, certa vez, que "Servidão Humana", de Somerset Maugham era o li-

vro que desejava ter escrito. E nem a propósito: relembra tal opinião no momento em que acaba de aparecer uma nova edição desse romance traduzido por Antonio Barata, e incluído na Coleção Nobel.

Essa obra é, de certo, o maior trabalho de Somerset Maugham, obra em que ele pôs muito de sua existência, e que qualquer forma constitui a soma de uma vida humana, rica de experiência. E se o romance empolga pelo seu fluxo vital, revela, ao mesmo tempo, no desenrolar da história, na disposição dos planos a mestria técnica de Somerset Maugham indeseitavelmente, um dos grandes arquitetos de romance em nossos dias. (Ed. Livraria do Globo).

## ★ INTRODUÇÃO À LITURGIA

A "Introdução à Liturgia", de Alberto Wagner de Reina, traduzida por Oscar Mendes, será, sem dúvida, a obra mais completa no gênero até hoje editada em português. O autor, que passou recentemente alguns anos no Brasil — em Belo Horizonte e no Rio — como representante diplomático de seu país, o Peru, acha-se, hoje, na Europa, onde, aliás, já vivera antes, como aluno da maior autoridade moderna em liturgia: Romano Guardini. Este livro — diz o autor no prefácio — pretende ser uma porta de acesso a uma atitude religiosa que parece esotérica e afastada do real, e que portanto, é uma ponte, por todos transitável, conduzindo de novo à humanidade. Mas a obra encerra, não somente uma introdução, como podemos dizer, uma "insinuação" aos que julgam o culto arcaico, como algo perdido na noite dos tempos, e no fundo das basilicas, inútil e sem interesse para o homem moderno. (Ed. Agir).



## VALOR E COMUNICAÇÃO

CRISTIANO MARTINS

**O** PANORAMA da lírica brasileira permanece ainda hoje assinalado pelos 5 ou 6 cimos dominantes que já há perto de vinte anos ou há quarenta anos lhe demarcavam a mais elevada altitude. Uma grande voz calou-se: a de Mário de Andrade. Novas vozes se ergueram, muitas estranhas: fúteis se registraram, algumas das quais estarão definitivamente incorporadas à nossa poesia, no sentido permanente de sua evolução. Mas os acentos daquelas cinco ou seis vozes não foram ultrapassados; e é sempre com alegria que as vemos reafirmarem-se, que lhes ouvimos as nítidas e intensas modulações.

Inegavelmente, Murilo Mendes é uma destas expressões distintas da nossa poesia. A sua obra poética já considerável se acrescenta agora um novo livro: *Poesia Liberdade*, Agir Editora, 1947, que vem assinalar de forma bastante significativa a árdua etapa que no domínio lírico cumpriu até aqui o ano de 1947.

Divide o sr. Murilo Mendes o seu livro em duas partes: a primeira, que denomina "Poesia Liberdade", e a segunda, "Ofício Humano".

Desde logo uma observação se nos impõe quanto a uma distinção característica entre as duas partes. Em "Poesia Liberdade" há evidentemente maior densidade de forma e substância, que conduz a uma expressão não raro obscura ou hermética, como vemos, por exemplo, dos poemas intitulados "Paisagem Madura" (pag. 15), "O Espelho" (pag. 33), "Contemplação" (pag. 63), "Aproximação do Terror" (pag. 67), e mesmo "Os Peixes" (pag. 19) e o "Poema Novo" (pag. 33). O próprio poeta se revela consciente dessa obscuridade, como confessará mais tarde, no poema final do livro —

"Cai das sombras da pirâmide  
Esta sede de obscuridade"...

Em "Ofício Humano", porém, dentro, é claro, da maneira pessoal e do estilo de Murilo Mendes, a expressão é quase sempre simples e direta, às vezes cristalina, sentindo-se o leitor geralmente mais à vontade e seguro de si, do que em relação à outra parte.

E' que — por que não dizê-lo? — e nisso objetivamos a nossa própria experiência, só dificilmente se pode penetrar o sentido de alguns poemas, ou trechos de poemas, especialmente os que referimos à parte do primeiro livro. Daí a restrição que vimos ou ouvimos muitas vezes posta a poemas semelhantes ou passagens esparsas da obra de Murilo Mendes. E com esta alusão, eis-nos frente a frente com um dos problemas mais sedutores em matéria de

criação artística ou literária: o problema da comunicação. E' evidente que o poeta ou o artista, ao produzir a obra de arte, pode não estar atento aos aspectos comunicativos da obra em função de sua eventual repercussão no espírito alheio. Mas tais aspectos contam por si mesmos, e não se pode recusar ao leitor o direito de exprimir a sua opinião nos termos de sua própria receptividade em relação ao poema ou à obra de arte; receptividade que implica preponderantemente elementos ou atributos de ordem individual, mas em que também respondem pela efetiva participação do leitor a facilidade ou dificuldade, a capacidade ou incapacidade da comunicação, como característico inerente à obra.

De maneira que, mais do ponto de vista do leitor que propriamente do poeta ou do artista, pode a obra ser geralmente considerada segundo atende ou deixa de atender em maior ou menor extensão ao requisito da comunicabilidade. Porém isto nada tem a ver com o valor intrínseco da obra, com a sua significação, como realização lírica ou artística em si mesma. Se a obra de arte ou o poema falha, digamos assim, do ponto de vista da comunicabilidade, em relação a nós próprios ou a determinado observador ou leitor, não quer isto dizer que seja má e nem mesmo que se apresentará invariavelmente assim para todos os demais observadores ou leitores. Um lúcido esteta e crítico de nosso tempo, J. A. Richards, observou, com agudeza, que podemos louvar ou condenar a obra de arte quer com fundamento em seu "aspecto comunicativo", quer com fundamento em seu "valor"; e que, se tal obra surgir inadequada como veículo de comunicação, a consequência é que nós, que não lhe podemos apreender o exato sentido, não estaremos por isso mesmo em situação de julgá-la, e muito menos de recusar-lhe valor. Admiráveis obras de arte, principalmente de poesia, sofreram eclipses prolongados por efeito de julgamentos que se basearam na falência aparente dos aspectos da comunicabilidade. Mas na realidade se beneficiaram do trabalho do tempo, que não fez senão realçar-lhes mais significativamente o valor intrínseco.

Não nos afastemos, porém, do rumo de nossas cogitações. Em conferência pronunciada em Belo Horizonte não há mu-

lto tempo, Murilo Mendes declarava que a poesia devia constituir acima de tudo um sistema, uma concepção geral do mundo e das coisas. Parece-me ser isso indubitavelmente o que ele pratica. As diversas etapas de sua obra são aspectos mais ou menos constantes dessa sistemática poética, que abrange os domínios do sentimento, da inteligência e da intuição em sua generalidade. Para bem penetrar-lhe a poesia, principalmen-



Murilo Mendes num traço de Pacheco

te naqueles aspectos de obscuridade ou incomunicabilidade aparente, que apresenta, seria necessário possuir a chave desse sistema. Alguns poemas nola, proporcionam, mas, somente em parte. O poeta parece por momentos comprazer-se em ocultá-la, preferindo deixá-la diante da esfiga. Nesse caso, temos que contentar-nos com a delicadeza imprecisa de certas alusões e com efeito emocional que nos produzem imagens fragmentárias ou versos isolados. E' conveniente que isso já não seria pouco...

Este livro, como os editores cautelosamente nos advertem à orelha da capa, foi escrito em plena guerra e nele se refletem as inquietações, as angústias, os problemas, os sofrimentos e as emoções do mundo em guerra. Tudo isto é verdade sim; mas o livro está longe de ser um livro de circunstância. O que o poeta recolhe desses acontecimentos é a sua substância universal e permanente, a sua repercussão nesse delicadíssimo sismógrafo que é a alma humana, e não os seus caracteres específicos ou acidentais, a multiplicidade dos aspectos ob-

jettivos da guerra ou da vida dos homens em guerra. Não nos lembra ter encontrado uma só passagem em que seja objetivado um caso particular, concreto. Trata-se de alusões vagas e gerais, mas nem por isso destituídas de menor força de expressão. A guerra na sua significação de combates e batalhas, de povos que confrontam a sua capacidade de destruição, por exemplo, é assim representada:

"Cegos degladiando-se num túnel,  
Constroem as próprias sepulturas"...

(O Túnel do Silêncio, pag. 44)

E o próprio "tempo", o tempo presente, cuja esparidade era a guerra, o tempo definia numa invocação: "tempo", cirurgião do mundo!" (pag. 67).

Neste livro, cuja substância é pois constituída por essa preocupação básica, por essa alusão generalizada, mas sutil, ao tempo presente, não se nos depara nada que o diferencie sensivelmente dos demais livros do autor. A voz que agora ouvimos é a mesma voz a que já nos acostumamos com as obras anteriores; reencontramos aqui os mesmos temas da poesia de Murilo Mendes, o sentimento particular de Deus, cristão sem dúvida mas numa aceção algo distante, o pensamento da morte e sobretudo a sua capacidade de reduzir as aparências mais diversas das ideias e das coisas a um denominador comum de poesia. Je prends mon bien ou je le trouve, poderia dizer o poeta, que se volta para o espetáculo multifário do mundo e para a incoerente aventura humana com o só propósito de extrair-lhes e fixar-lhes os valores puramente líricos. E', aliás, singularidade habitual na atitude do poeta, e que justifica em certo sentido o lugar comum que já é dizer-se que o poeta se identifica com a criança. O próprio Murilo Mendes se refere a esta situação no poema "A outra infância" —

"Viramos crianças  
Ao imaginar a criança que não fomos..."

(pag. 31).

A propósito do sentimento religioso no poeta, e que há pouco nos referimos, note-se que a certa altura esse sentimento transparece assinalado

de um trazo de revolta —  
"Já que és o verdadeiro filho de Deus  
Despreza a humanidade desta cruz" —  
(A Tentação, pag. 35)

O poeta considera Deus de um ponto de vista por assim dizer material, trazendo à baila o antigo argumento daqueles filósofos que, aludindo à imperfeição do mundo, refutavam a existência de Deus como ser perfeito, pois se o fôsse não criaria o mal ou a imperfeição. Quanto ao pensamento da Morte, de novo se exprime, de forma admirável, no delicadíssimo poema "Desejo":

"Obscura vida  
O que te peço  
E' que reveles teus designios  
Obscura vida  
Que sejas transparente

E concisa  
Como por exemplo a morte  
— Clara esperança" —  
(pag. 59)

Mas não é única essa conceção da morte "transparente e concisa", da morte "clara esperança". A morte com que o tempo familiariza o poeta, e nos familiariza a todos, não era essa morte a que se mescla um sentimento de elevação e respeito religioso, quase um gesto clarividente da divindade, que provê aos obscuros destinos do homem; era a morte em massa, a morte "coletiva", nos campos de concentração, nos bombardeios indiscriminados, nos torpedamentos, no choque sangrento dos exércitos:

"O homem morre  
sem ainda saber quem é.  
A morte coletiva  
apodera-se da morte de cada um.  
(A Ceia Sinistra, pag. 97).

O poeta reencontra aqui, em certo sentido, a perturbadora teoria rilkiana da "morte própria", a morte que Rilke em sua hora final reivindicava para si mesmo, e de que dissera ser como a conclusão de cada vida, amor, sentido e destinação. E que tristeza poderia haver maior do que esta do morrer sem ainda saber quem se é, de assumir não a sua morte própria e individual, mas a morte coletiva, produzida em série pelos arsenais da guerra e a loucura dos homens?

A intuição do poeta nos leva, assim, como se vê, em notações rápidas e aparentemente inconsequentes, aos aspectos mais trágicos e inumanos dos terribes acontecimentos de que apenas emergimos, para talvez em outros ainda mais terribes nos precipitarmos em breve.

**A** DIFERENÇA que existe entre o romance e o reportagem — diziamos uma conhecida aspirituosa — é que a reportagem se desenrola na rua e o romance acontece dentro de casa. Ora, seguindo esta classificação simplória, mas ao mesmo tempo tão eloquente não se pode chamar os livros de Elliot Paul de romances. Pelo menos os que a Livraria do Globo editou em português não se enquadram no gênero. Mas como há romances que não passam de reportagem e reportagens que — se o autor o desejasse — dariam bom romance, chega-se à conclusão de que "Vida e morte de uma cidade espanhola" pode bem ser lido como se realmente fosse ficção.

Nela vivem e palpitam puros personagens de novela, andando pelas ruas da ilha pitoresca, habitando suas casas, enchendo suas vendas e cafés, como Sindik, o carointeiro, Cosmi, o hotelheiro, Toniet Parda, o pescador, Anitta, o canteiro, e até mesmo a figura do banqueiro

Don Abel Matutes, tantos e tantos outros que desde manhãzinha — acordados pela barulhenta motocicleta de Ramón — começam a trabalhar. Mas não são somente as criaturas que parecem fugidas das páginas de um romance: até mesmo os objetos, as casas e os animais podem ser considerados como "extras" ou molduras para uma novela de pretensões: o ânibus que vai a San Carlos, cujo interior — nos dias em que as janelas devem-se conservar fechadas — tem o

cheiro de fábrica de queijo abandonada; os cachorros Capitan, Franco e Fanny; o Hotel Roysly — no canto noroeste da praça; a Casa Rosita — o armazém mais próximo do centro.

Isso tudo — e mais alguma coisa — compunha a vida de Santa Eulália, uma ilha perdida no mapa. Uma ilha — seja ela o Enromangos de Pierre Benoit ou a prosaica Guarujá — sempre é um motivo de sedução. Santa Eulália — com suas praias onde vinham morrer peixes de nomes estranhos (cirivolas, dourados, tunas, picadas), com seu céu onde a lua "brilhava sobre a terra sem aquela friagem que, em outras paragens, torna as noites desagradáveis", com seus homens sentados à porta dos cafés, durante a noite, bebericando anis ou "cazalla", com suas mulheres bonitas que "apreciavam a fragrância da alfafa e tinham as costas bastante flexíveis para passarem horas debruçadas sobre as plantações de batata doce" — mulheres fortes, sadias, de olhar vivo e sorriso brincando na boca, Santa Eulália é uma dupla sedução, porque nunca a veremos com ela já foi.

E' claro que se formos lá hoje, ainda encontraremos as praias banhadas pelo mesmo mar, andaremos pela rua Principal, to-

maremos "manzanilla" no Can Xumeu, poderemos mesmo dar um pulo até a igreja, se tivermos coragem de subir o íngreme morro sobre o qual o templo se ergue. Sim, tudo isso poderá ser visto em Santa Eulália, a cidade porém não poderá ser "sentida" como fora antigamente, isto é, antes do aparecimento de Franco e sua "gang". Elliot Paul teve a sorte de morar na ilha nos seus tempos de calma e paz e seu livro é um testemunho da diferença entre regimes políticos.

Sob este ponto de vista "Vida e Morte de uma Cidade Espanhola" vale como um libelo contra o fascismo. Não se sabe se o autor, ao descrevê-lo, tinha a intenção de mostrar a felicidade de uma região antes de Franco, mas o certo é que os que sabem ler percebem claramente essa diferença. Elliot Paul fez muito bem em escrever o seu livro porque nenhum outro poderia escrevê-lo: os que fugiram ou não eram intelectuais ou ainda não eram intelectuais com seus próprios nomes; os que não conseguiram fugir tombaram diante das metralhadoras. Por isso o escritor pôde terminar "Vida e Morte de uma Cidade Espanhola" com esta frase: "Considero uma honra ter convivido com ho-

mens e mulheres tão corajosos e magnânicos. E seus inimigos farão bem em ter medo deles enquanto viverem".

Mas mesmo que se leia o livro como simples memória de viagem, mesmo assim ele nos interessa bastante, pois é sempre curioso saber como viviam os habitantes de uma ilha da qual nunca ouvimos falar. Entre os hábitos dos moradores de Marta ou da Lua, é sempre preferível conhecer os costumes dos mortais como nós mesmos.

Como nós mesmos? Que ilusão... Então teremos a sorte de ser como Platé, por exemplo, que antes de nascer o sol já era encontrado encapitado num arrecife, a vara de pescar na mão? Platé — conta o narrador — sabia onde se escondiam os peixes e os pequenos polvos e cada plantinha, erva ou cogumelo era para ele como um amigo íntimo. Tinha cabelos longos e uma barba que cortava uma vez por ano. Quando o vinho lhe saltava a língua gostava de cantar, o que fazia indiferentemente em espanhol, francês, catalão, italiano ou árabe. Sua alimentação era constituída por peixes, cogumelos, morangos e aspargos silvestres e trabalhava um pouco somente para ter com que comprar vinho.

A fauna humana que enche as

páginas do "Vida e Morte de uma Cidade Espanhola" é variada e interessantíssima, com exemplares que fariam a delícia de algum pintor ou diretor de cinema. E o que espanta é ver tantos homens solitários vivendo numa ilha tão pequena. Em geral a ilha, por sua geografia, obriga as criaturas a se procurarem e a se unirem porque não há para onde ir, são elas as prisioneiras do mar. Em Santa Eulália porém vemos uns tipos metidos consigo mesmo, como o pescador Edmundo que pescava sozinho e andava sozinho. Mesmo quando procurava os amigos para cantar ou beber "havia nele algo que o fazia parecer isolado de todos". Casara-se uma vez "para celebrar a revolução de 1931"... Outro solitário era Pere des Puig que vivia isolado numa colina rochosa e vinha à cidade só para tocar acordeão e cujas filhas muito impressionaram a Elliot Paul.

Mas se fôssemos anotar aqui todos os tipos interessantes que transitam por este livro teríamos ainda muito que escrever. O melhor será remeter o leitor curioso para o próprio volume. Garanto que ele ficará triste por não ter conhecido os curiosos habitantes desta curiosa ilha.

## POR ONDE ANDA BERNANOS

Georges Bernanos passou na Argélia a segunda semana de abril e dirigiu-se em seguida para Marrocos, onde realizou conferências sobre os seguintes temas: "La liberté pourquoi tairé?" "L'esprit européen".

## SANTA EULALIA

ALCANTARA SILVEIRA



# HORAS ANTIGAS

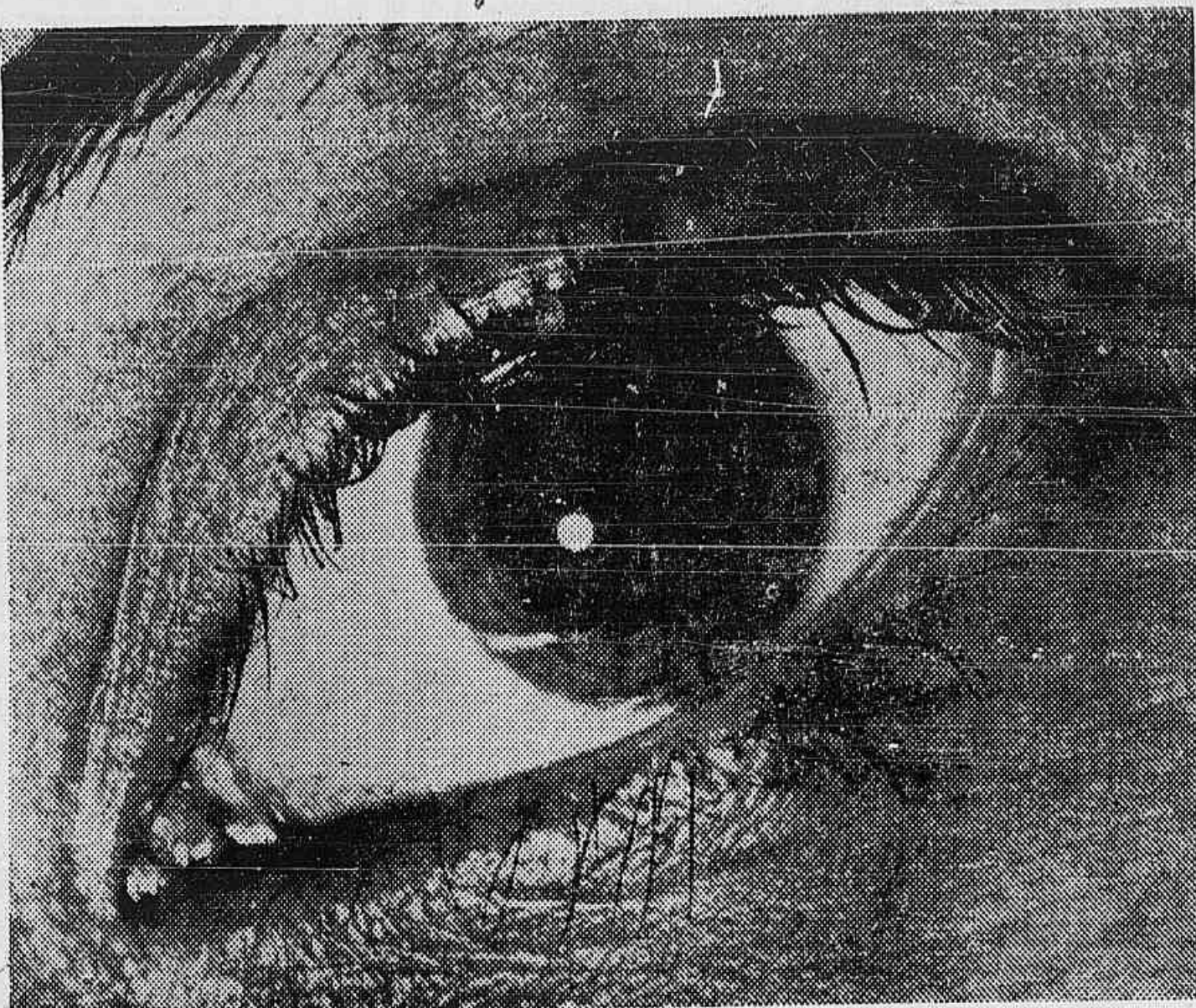
FRANKLIN DE OLIVEIRA



## O POBRE HOMEM DA POVOA DO VARZIM

"...A significação, o peso e a plenitude do tempo." — THOMAS MANN

As edições do Centenário de Eça de Queiroz vieram re-colocar na proximidade afetiva do leitor comum a genial figura do "pobre homem da Povoia do Varzim", revalidando tanto a sua glória quanto os valores éticos que nela adquiriram esplêndida vitalidade combativa. Se convocarmos para amplo debate as várias escolas que têm procurado explicar o fenómeno artístico, veremos que se reduzem a duas grandes tendências: a idealista e a materialista. A dos dogmáticos que elucida a criação artística pelas categorias metafísicas e a dos relativistas que subordina a ilusão estética aos fatores sociais. E' no primeiro decorrer do século XIX que surgem, na Europa, as primeiras tentativas de analisar objetivamente os problemas estéticos. Esse movimento é Crousaz ("Tratado do Belo"), baseando-se no cartesianismo para assegurar a relatividade do belo e Dobos ("Reflexões críticas sobre a poesia e a pintura") sustentando a importância dos valores mesológicos na invenção artística; Condillac ("Ensaio sobre a origem do conhecimento humano") conceituando a arte como a luta pela expressão; e Voltaire ("Dicionário Filosófico"), reafirmando o princípio da relatividade estética. "Dans les arts — está no "Essai sur la poésie épique" — qui dépendent purement de l'imagination, il y a autant de révolutions que dans les États; ils changent en mille manières, tandis qu'on recherche à les fixer". Ainda Voltaire, Rousseau e Diderot reconheceram a destinação social da arte. Homens da Enciclopedia, não podiam admitir como Montesquieu que existe na arte um princípio de "desinteresse fundamental", de mágica inutilidade e, nesse particular foram seguidos pela maioria dos filósofos alemães comandados por Baumgarten. Nos primeiros momentos do século XIX os idealistas ecléticos franceses (Keraty, Quatremère de Quincy, Cousin, Laménais, Lécuyer e Proudhon) falaram em moralismo utilitário na arte e, nos fins do mesmo século, o determinismo da escola inglesa proclamava o pragmatismo artístico. Taine lançava a teoria dos meios, Saint Beuve propunha a criação de uma história natural dos espíritos, Guyau subordinava a arte à vida social e Spencer, Sully, Grant, Allen, na Inglaterra, Renouvier e Ribot na França elidiam do conceito de arte a unidade idealista. Não foi impune mente que o século XIX realizou três séculos de pensamento revolucionário, de Montaigne a Rousseau: a revolução do mundo moderno que Maritain classificou como "un certain type historique de civilisation, spirituellement dominé des les origines par l'humanisme de la Renaissance, de la Réforme protestante et la Réforme cartésienne". Refletindo o mundo industrial do século XIX, a sua alucinada mecanização, traduzindo as relações entre as reformas de metal pesado e o emocionalismo, respirando o agitado ar das agitações idealistas, as angústias, os dramas, as tragédias que o naturalismo exprimiu, estudando nações coletivas ou dissecando temperamentos individuais, ficaram, de certo, incorporadas às mais valiosas conquistas do espírito. Não importa que tenha sido uma técnica de subordinação, que em vez de ser visão livre do mundo houvesse sido cervidão da mente. Consultemos "Débatte". E' o tumultuário Zola. Um livro de cressa e chocante realidade. Zola vence o "impessoalismo" de Flaubert e substitui a prodigiosa introspecção psicológica de Balzac pela colossal capacidade de submeter os fatos às leis sociais e ainda a formidável amplitude que emprega na fixação dos panoramas sociais. Fora da França, citemos, num exemplo dessa literatura que interferia na vida humana com uma força de subversão, Dostoiéwsky antecipando em "Crime e Castigo", "Os Irmãos Karamázoff", "Humilhados e Ofendidos", "Os Possessos" e "As recordações da casa dos mortos", novas ciências: a sociologia e a biologia criminais. Tolstol com "Ana Karenina" e "Guerra e Paz" não forneceu, na Alemanha, a Boris Sapor, coordenadas para a consolidação das ciências jurídicas e sociais? Na Noruega a beleza da arte era considerada impiedosa tróia em face da precariedade da vida. O ideal de todo contemporâneo de Ibsen e Bjornson é influir diretamente na vida, defender e combater idéias, reformar, renovar. "Não há um só veleiro de recreio na minha frota!", proclamava Bjornson. Na Inglaterra de Dickens e Eliot a arte não se contenta em ser suave expansão de sonhos. E' agora tranqüila procura da verdade; verdade da vida e verdade do coração humano. Não é mais invenção: é descoberta, descoberta de artista que não mais pode pensar e imaginar fora da vida. Eça de Queiroz, que manteve indelétricos compromissos com o século XIX, que foi tão profundamente de sua época — "viver (está nas "As Farpas") é ser de seu tempo, estar no seu momento histórico, ajudar a criação social do seu século, sentir a comunhão das idéias novas" — foi, em Portugal, a mais luminosa expressão do realismo. Mais do que qualquer outro escritor de língua soube ele goetheanamente que pensar é agir. Por isso sua obra, presente a todo instante da evolução humana, não se recolhe fria e cinza como um documento do passado: nela tumultuam, palpitam, inquietam-se os problemas do eterno desajustamento do Homem, o máximo que ele reclama da vida e o mínimo que ela lhe dá. Não se contentou em ser apenas "literatura social", espelho indiferente do seu tempo, gelado registro de acontecimentos. Tinha calor, sangue, vida, paixão, alma. Estremecia. Era genial demais para ser um testemunho impassível. Fez "literatura política", não por modismo, pôse cabotina, mais porque era um homem e se dava à humanidade. Desejava divertir-la, mas, também, tentava torná-la melhor. Empolgado por Proudhon, Blanc, Vacherot, Langlois, Fuerbach, Quétet, Littré, e toda a crítica francesa, sentiu que, quando começava a escrever, a literatura portuguesa falava "do ideal, do êxtase, da febre, de Elvira, de rosas, de líras, de primaveras, de virgens pávidas", enquanto "em torno dela o mundo industrial, fabril, positivo, prático, experimental, perguntava, meio espantado, meio indignado: — "Que quer esta tonta? Que faz aqui? Emprega-se na vadiagem? Levem-na à polícia!"



## Os pássaros do retratista



## VISÃO

SYLVIO DA CUNHA

FUNDIR a história da cultura e a história da arte num mesmo plano sistemático sempre foi tarefa sedutora e opulenta para o sociólogo, o filósofo, o humanista. Desde Taine ao brilhantíssimo Max Dvorak têm sido atribuídos às obras de arte valores históricos, intelectuais e religiosos. Essa consideração da arte como nutrida de motivos extrínsecos conduzia a vê-la como um efeito de imitação e não como criadora e autônoma.

A autonomia da arte, que é um axioma da crítica moderna, resulta de seu princípio subjetivo e individual, do seu caráter de conteúdo humano de sentimento e de vida, em suma, da riqueza de sensibilidade do artista. O dom das musas se resolve assim numa fórmula da essência divina em que os termos são gênio-criação-arte.

A origem da confusão entre a arte, que é fundamental, e a técnica, que é específica, deve buscar-se no positivismo científico do século XIX, que conduziu a pintura por um caminho de pura intelectualização, perseguindo desesperadamente o ideal de fixar a natureza numa forma e numa cor abstratas, mudando deste modo de criador para especulativo o sentido da atividade da imaginação.

A forma dos meios de expressão não é intrínseca à arte. Varia e evolui, precisamente porque é uma técnica e sujeita a um ritmo incerto. A Odisseia que não contém uma técnica poética apurada, como, por exemplo, nos poemas de Teócrito, que era um grego-alexandrino da decadência, nem por isso deixa de ser um monumento de arte.

Falta a Giotto a sutileza da linha de Boticelli e a Boticelli falta a opulência plástica de Ticiano, sem que o primeiro ou o segundo sejam inferiores em gênio ao terceiro.

O acórdão tácito do nosso olhar com o mundo das coisas visíveis começa por ser de fato uma convenção. Isso já preocupava um poeta persa do século XIII, citado na Mitologia, de Guirand, chamado Jelal ed-Din Roumi, num apólogo ao mesmo tempo ingênuo e profundo: Um professor diz ao discípulo, que era vesgo: "Vai buscar aquela garrafa". O aluno, que em vez de uma vê duas, pergunta: "Qual delas?" "Quebra uma!"

— manda o mestre e obedece o vesgo, que vê as duas desaparecendo, muito assombrado.

Berkeley, o grande filósofo idealista inglês perguntava como é que nós pretendemos crer que vemos as coisas exteriores, quando a cor nos é tão íntima quanto o prazer ou a dor? Se subitamente esquecêsemos a experiência, ela que nos faz relacionar as mudanças de intensidade de luz e de cor com a sensação de distância, os objetos à vista nos pareceriam uma série de puros pensamentos.

Onde portanto o caráter absoluto da visão? O real esconde-se ao espírito e Condillac assimila a visão à chave de uma equação que vai de identidade em identidade tirar o véu do desconhecido.

A filosofia, no tempo de Condillac, muito se preocupou com o famoso problema de Molyneux: Tratava-se de saber se um cego de nascença, conhecendo pelo tato um cubo e um globo, saberia distinguir um do outro se recuperasse a visão.

Procurando resolver a questão, concluíram os filósofos que é bem o tato a conhecer antes da vista as formas, e é graças à experiência da correlação entre ambas percepções que se apura o conhecimento.

As aparências de todas as coisas, que depois são reproduzidas nos quadros dos pintores, têm sido chamadas nas histórias de arte por símbolos da visão.

Para os neo-clássicos eles eram — desenho, claro-escuro, colorido, harmonia, composição, graça. Para Ruskin era a linha, que caracteriza os primitivos; linha e luz, na cerâmica grega; linha e cor nos vitrais góticos; massa e luz, em Leonardo; massa e cor, em Giorgione; massa, luz e cor, em Ticiano.

No extremo oposto a Max Dvorak, que via na história da cultura a história da arte, situa-se Henri Woeifflin, para quem a história da arte é a história dos símbolos da visão, expressada da seguinte forma: desenvolvimento do linear para o pictural, ou seja a mudança de conceito da linha como guia do olhar para a sua progressiva depreciação; desenvolvimento sobre a visão de superfície da visão de profundidade; desenvolvimento da forma fechada para a forma aberta; desenvolvimento da unidade sobre a multiplicidade, e, finalmente, desenvolvimento da clareza absoluta

para a clareza relativa dos objetos.

A história dos símbolos da visão, que reflete as variações do gosto, mostra-nos como podem ir longe os limites da plástica.

Mesmo assim, a inquietude dos artistas transpõe com frequência essas fronteiras e padece de estranhas miragens.

Muito antes de publicar "Les hommes de bonne volonté", Jules Romains escreveu um curioso trabalho intitulado "A visão extrarretiniana ou o sentido paraóptico", onde menciona os indivíduos que vêm de olhos tapados, que vêm ocorrências a enormes distâncias ou que vêem o passado e o futuro. São os videntes, os hipnotizados os supra-normais.

William Blake, que escrevia poemas premonitórios e iluminados, que pintava sonhos e espectros, afirmou em seus livros proféticos que "na eternidade tudo é visão". E para ele, a arte já consistia num dom de eternidade que Deus dá aos homens com antecipação.

Na visão fotográfica, há um sentido profundo, o seu sentido simbólico como lembrou Hello.

"O universo é uma imensa placa fotográfica e tudo exerce sobretudo uma ação misteriosa. Nós não percebemos a irradiação de nossa face senão sobre o ponto preciso onde uma placa fotográfica fixa-o sensivelmente. Mas se a irradiação se faz sobre essa placa, é que ela se faz em toda parte, não sensível, mas igualmente verdadeira.

Cada homem enche o universo da sua imagem e se essa imagem não é em toda parte visível é que a ciência não dispõe por todos os lados o aparelho fotográfico: a imagem está sempre presente, é a placa fotográfica que falta!"

## A casa

(Conclusão da 1.ª pag.)

rá entre as coisas sem morte, — e não terá rua nem número: será simplesmente «A casa». E, por seu serviço, permanência e derrota no mundo dos homens, anjos infantis correrão por suas traves e com longas ramagens cheias de flores a adornarão.



## Poemas inéditos de AMADEU AMARAL JR.

A vida de Amadeu Amaral Junior, filho do poeta Amadeu Amaral, foi, pode-se dizer, um destino truncado; Tudo o encaminhava para uma bela carreira nas letras: começou muito moço já produzindo obras de erudição, curiosas pesquisas folclóricas, crônicas vivas e trepidantes.

Mas, aos poucos, sua atividade começou a dispersar-se numa espécie de anarquismo moribundo que o levando a uma atitude meio desvairada de revolta, acabou mergulhando-o na mais profunda solidão. Quem o visse à noite, solitário, pelas ruas desertas do Rio de Janeiro, lembrar-se-ia de certo de Gerard de Nerval, percorrendo as vielas de Paris, onde uma madrugada o encontraram enforcado.

Bem triste também seria o fim prematuro de Amadeu Amaral Junior. E recordando-lhe a personalidade com enternecimento e simpatia, neste canto da página, aqui estampamos algumas de suas poesias inéditas. Pois além de escritor foi ele também poeta de singular feito.

### POEMA SAUDOSO

DE LONGE, O MEU AMOR SE INCLINA SOBRE TI  
COMO UMA ASA PROTETORA E MATERNAL.  
DE LONGE,  
MEUS LÁBIOS UMEDECEM TEUS OLHOS INVADIDOS PELA  
[POEIRA DOS DIAS,  
MINHAS MÃOS DIZEM PALAVRAS DE CONSÓLO,  
ENQUANTO PASSAM LENTAMENTE SOBRE TEUS CABELOS  
[ESCORRIDOS COMO UM DESÂNIMO.  
MEU DEUS, MARCIA, MEU DEUS!  
EM QUE POSSO PENSAR QUE NÃO SEJA A TRISTEZA DO  
[MOMENTO FUTURO OU O VASIO DO MOMENTO PASSADO?  
EM CADA MINUTO SOMOS PIORES DO QUE UM MINUTO  
[ANTES,  
MENOS BELOS E MENOS GENEROSOS;  
EM CADA MINUTOS SENTIMOS DIMINUIR A VONTADE DE  
[VIVER,  
MAS NÃO AUMENTA NOSSA CORAGEM DE MORRER.  
NOSSA PIEDADE CRESCE, A CUSTA DE NOSSO AMOR;  
QUANDO ESTIVERMOS BEM PIEDOSOS,  
SEREMOS CAPAZES DE TUDO,  
SALVO DE PENSAR UM INSTANTE NO PRÓXIMO

### GERMANA BITTENCOURT

GERMANA BITTENCOURT,  
EU TE QUERO FALAR DE LEVE, SEM BARULHO.  
EU VISITEI TEU TÓMULO EM S. JOÃO BATISTA:  
ESTAVA SOZINHO E ABANDONADO,  
SOBRE ELE CRESCIA O MATO BRAVO E UMA CRUZ DE  
ANÊMONAS SE DIVIDIA NUMA PORÇÃO DE RAMOS ROXOS.  
GERMANA BITTENCOURT:  
TU ESTAVAS SOZINHA,  
NÃO TE CERCAVA NENHUMA LEMBRANÇA.  
PERDOA: MEU PENSAMENTO ESTEVE CONTIGO UM  
[MOMENTO,  
MINHAS LÁGRIMAS ESTIVERAM CONTIGO UM MINUTO;  
MAS, NO FUNDO DA COVA, TU NADA VISTE,  
NADA SENTISTE.  
PERDOA, GERMANA.  
LOGO ESTAREI EM TUA SOCIEDADE;  
TEREI IDEIAS MENOS RIDÍCULAS  
E NENHUM REMORSO PESARA EM MEU CORAÇÃO,  
HAVEMOS DE PERCORRER OS PASSEIOS QUE A TUA  
[FANTASIA HAJA INVENTADO,  
TU ME MOSTRARÁS OS CAMINHOS INVISÍVEIS  
QUE A TUA VISÃO DE MORTA HAJA DESCOBERTO.  
ESPERA, GERMANA.  
BEM SEI QUE EM TUAS POESIAS TU TE MANIFESTAS,  
MAS NAS FORÇAS INDIFERENTES E DISPERSAS DA  
[NATUREZA,  
QUE TE PRODUZIRAM UM DIA POR ACASO,  
— PERFEITA E COMPLETA COMO TU ERAS —  
EU ESPERO OUVIR, GERMANA, GERMANINHA,  
A PALAVRA INTRADUZÍVEL,  
A PALAVRA SEM LINGUA,  
FEITA DE LÁGRIMAS E DE CORAÇÃO,  
QUE ME GUIE NESTA TREVA PAVOROSA.  
GERMANA: TU ESTÁS MORTA.  
A ESPERANÇA ACABOU EM TEUS LÁBIOS QUANDO  
ELES TINHAM CARNE,  
MAS EU ESPERO UMA PALAVRA DE ORDEM.  
EU AMEI EM TI A INDEPENDÊNCIA DAS ATITUDES,  
A VIDA LIVRE DE QUEM TIVESSE UMA ETERNIDADE  
[PARA VIVER.  
VIVESTE TRINTA ANOS, MAS NÃO IMPORTA,  
DENTRO DA NOSSA ETERNIDADE,  
TU ÉS ILIMITADA.  
GERMANA, DESCULPA,  
MEUS DESEJOS ESTÃO TE PROFANANDO;  
COM A VONTADE DE TE FAZER MAIOR, MAIOR DO QUE ÉS.  
EU TE FAÇO MENOR, GERMANA BITTENCOURT.  
QUE POSSO FAZER?  
EU TE PEÇO PERDÃO AINDA UMA VEZ.  
É HORRÍVEL, DITA-ME UMA PALAVRA QUE SEJA:  
AMIZADE, FRATERNIDADE, QUE DESTA AOS HOMENS...  
MAS, DITA-ME ALGUMA COISA DE TEU QUE POSSA  
[REPETIR.

### V I D A

SOMBRA IMPENETRÁVEL QUE VENS DE TÃO LONGE, DOS  
MUNDOS GUARDADOS NO SEGREDO DOS TEMPOS, — TU  
MERGULHAS EM NOITE A REGIÃO POR QUE PASSAS; PRA  
ONDE É QUE VAIS?  
POR QUE PLASMAS TUAS VIS CRIATURAS, MISTÉRIOS,  
IMUNDOS CONTIDOS NAS FESES DAS TUAS ENTRANHAS?  
[— QUAL É TEU DESIGNIO?  
SERENA, IMPASSÍVEL, TU ARMAS TRAGÉDIAS TU FAZES.  
OS DANOS PEQUENOS, DIÁRIOS DAS VIDAS MESQUINHAS  
[QUE UM DIA INCUBASTE  
TU PASSAS NUM SÓPRO POR SOBRE AS CABEÇAS CURVA-  
DAS, PESADAS DOS FILHOS MALDITOS DO COITO ES-  
[PANTOSO EM QUE TE ESPOJASTE.  
PASSASTE. — UM MOMENTO. JÁ NADA MAIS RESTA DE  
MIL E UM DESEJOS QUE UMA VEZ PUSESTE NOS CEREBROS  
VIRGENS DOS TRISTES REBENTOS DA TUA LUXURIA,  
QUE VEM DE TÃO LONGE MAS NUNCA SE EXTINGUE.  
POR QUE NOS FIZESTE?

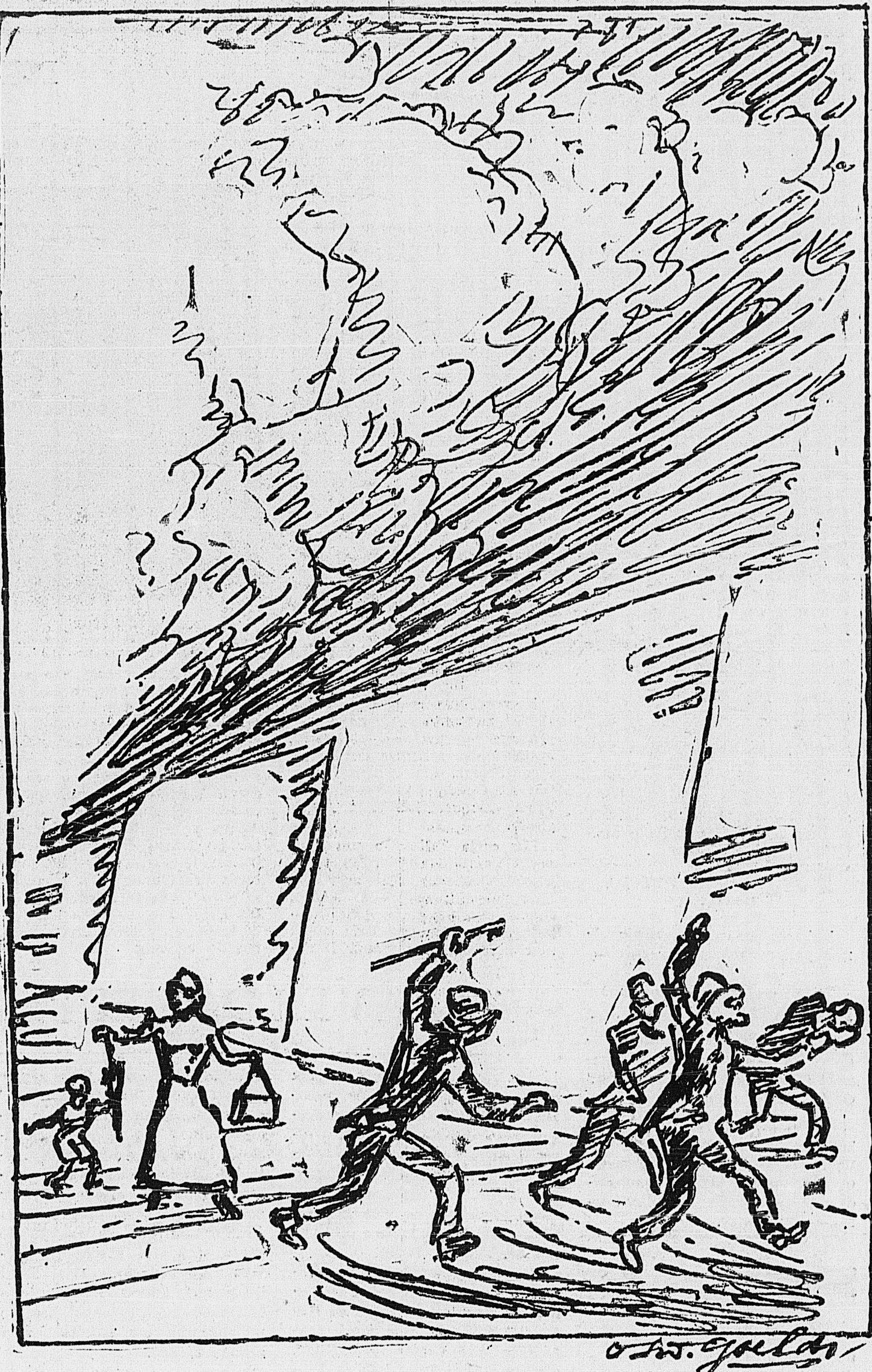


Ilustração de OSWALDO GOELDI

### JUIZO FINAL

DIZEI-ME: NÃO OUVISTES?  
FOI AGORA. O RUMOR REPETIU-SE  
OUVI: PARECE UM CLAMOR ABAFADO, FEITO DE ROGOS DE QUEI-  
XAS, DE PRAGAS.  
OUVI: VEM VINDO DE LONGE, DE TÃO LONGE!  
PASSOU PELA ESTRADA DOS SÉCULOS; NINGUÉM O DETEVE, NIN-  
GUÉM. BURACOS, CAVERNAS E POÇOS PROFUNDOS TENTARAM  
GUARDAR O ECO TÃO FRÁGIL DESSE RUMOR QUE VEM VINDO,  
VEM VINDO — DE ONDE? NÃO SEI.  
MAS COMO? NÃO VEDES QUE ELE RESSOA COM FORÇA DOBRADA  
BATENDO DE ENCONTRO AS PAREDES, AOS MUROS QUE O  
QUEREM ENCERRAR?  
E ESPALHA-SE E CRESCE E ENCHE OS OUVIDOS DA GENTE QUE PAS-  
SA, QUE CORRE, QUE COMPRA, QUE VENDE, QUE JOGA E NÃO  
QUER ESCUTAR?  
PRENDEU-SE AOS TÍMPANOS DE MILHÕES DE HOMENS E SÓA COM  
O DOBRE DE JUIZO FINAL.  
DE ONDE VEM ELE? NÃO SABEIS DIZER?  
NASCE DEBAIXO, DAS MAIS VIS CAMADAS. E SOBE LENTO ESPES-  
SO COMO UM MIASMA DO ESTRUME GUARDADO FECHADO.  
E AGORA. ELE SE APROXIMA; DIZEI UM ADEUS AO QUE VOS É  
MAIS CARO. REZAI SE FORDES RELIGIOSO.  
É O MOMENTO. DE QUE SERVEM OS GRITOS HISTÉRICOS?  
O RUMOR VEM CRESCENDO. É TAMANHO!  
NINGUÉM OUVIRÁ VOSSA VOZ!



**F**IGURA dominadora na tribuna política e nas letras, que, conjugadas, lhe deram popularidade jamais desfrutada por outro homem público brasileiro — Rui Barbosa estilizou uma época, em nosso país.

Em suas sínteses sucessivas, que acabam por eliminar tudo o que é acessório — homens e coisas destituídos de importância intrínseca e que se terão imposto, por acidente — a História talvez venha a reter, do certo período da vida pública brasileira, apenas a voz de Rui Barbosa.

É que essa voz se sobrepuja ao meio semi colonial, pregando, corajosamente, altos ideais humanos, e afirmando sua fé em certas coisas abstratas que, possivelmente pareceriam um luxo, naquela época, aliás não muito distante...

No zelo do decoro público, da decência, da vida limpa, do expurgo dos vícios de um regime em formação, Rui foi para o século XIX, o que Vieira foi para o século XVII, no Brasil. Em dois séculos, o país cresceu muito em população, riqueza, força. Tornou-se nação independente. Mas a rusticidade dos costumes permaneceu sob muitos aspectos, e a liberdade ainda se mostrava planta enfermiza nestas violentas terras da América.

Mas, sem isto, não teria o tribuno encontrado o seu grande cenário... Catilina forneceu a Cícero, maléria prima para sua eloquência. Devemos ser gratos aos inimigos de Rui por lhe terem arrancado as lavas vulcânicas de sua oratória.

Muitos, sem nenhuma significação histórica, apenas virão a ser mencionados, no futuro, por ter sobre eles caído o anátema do tributo baiano.

#### ETERNO NAMORADO DA POLÍTICA

Rui sempre se lamentou de não poder consagrar-se inteiramente

(Conclusão da 2.ª página)

menos uma novidade. Não, o sr. Silvio Neves — nome ou pseudônimo? — não consegue abrigar a novidade no seu artigo? Onde, então, a novidade?

Agora, com o suplemento já vencido, verifico que a novidade não se encontra aqui. Além do oceano, porém, lá, ao longe, onde começa o suplemento do "Diário de Notícias".

#### Diário de Notícias

E a novidade, meus leitores, é um acontecimento simples: a volta do sr. Tristão de Ataíde à crítica literária. E a volta do crítico ilustre que, reaparecendo como há vinte e oito anos atrás, só concorre para erguer o plano do suplemento do "Diário de Notícias" e valorizar um pouco mais as letras nacionais. Tere-mos, pois, daqui para o futuro, o sr. Tristão de Ataíde. Aliás, o suplemento do sr. Raul Lima, em matéria de colaboradores, está realmente um amor.

Temos aqui, no duro, a sra. Rachel de Queiroz — hoje, por sinal, escrevendo sobre o prefeito. Temos esse admirável Aires da Mata Machado Filho, sempre seguro e sempre erudito. E temos, já que falamos em erudição, uma das mais brilhantes figuras que conquistamos com a guerra: o sr. Paulo Rónal. Temos também, como nos outros suplementos, uma excelente seção literária, executada em bom momento pelo sr. Raul Lima.

Mas, como não há rosa sem espinho, nem tudo, porém, aqui neste suplemento, é azul. Um velhote, esse decadente sr. Oswald de Andrade, e que já passou da época de morrer, atrapa-lha tudo com sua mania de bancar o Piolim de feira. Escrevendo mau e sem espírito, o homem só não alcança a imbecilidade porque a imbecilidade, afinal, sempre dispõe de um pouco de



mente às letras. Esta era a sua vocação profunda, dizia. Entramos em dúvida sobre se, na realidade, a tendência literária sobrepujava, nele, a inclinação política.

Várias vezes tentou abandonar a vida pública: jamais o conseguiu.

Certa ocasião, proferiu uma jura solene. Foi quando partiu para a Europa, em exílio. De Lisboa, escreve a um amigo: "O meu manifesto de 23 de setembro era quase um adeus à política. Hoje, esse adeus é completo e definitivo. Que me deixem trabalhar, estudar e educar meus filhos! Não voltarei a essa coisa hedionda".

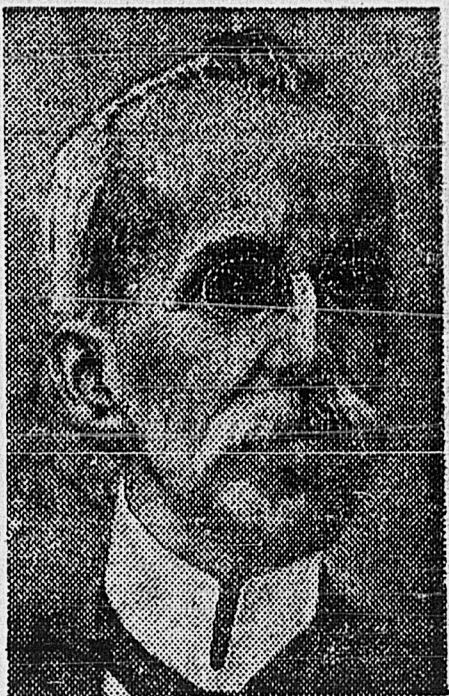
É desnecessário acrescentar que, de volta ao Brasil, a "coisa hedionda" de novo o fascinou. Rui era visceralmente político, e em vão apelaria para os livros e para os estudos, como atividade substituta. Estes apenas lhe proporcionavam uma atividade paralela.

#### A VELHA MULA OU A MULA MANCA

No prefácio, escrito por Lúcia Miguel Pereira à nova edição das "Cartas de Inglaterra", assinalam-se algumas dessas intermitências, em que Rui tentou libertar-se da obsessão política, ou acreditou tê-lo conseguido.

Em carta íntima a um amigo, depois de elogiar as instituições inglesas, Rui acrescentou: "Revele, meu caro amigo, este acesso de contemplação especulativa. Perverso seria quem nele descobrisse a menor inten-

ção alusiva, o mais leve pensamento de aplicação. Honny soit qui mal y pense. São os últi-



Rui Barbosa

mos sopros do ideal num espírito desiludido, onde não morreu de todo a esperança. Neste seu parente já não há senão um resto de filósofo. O velho prático da aldeia, esse despediu a clientela por uma vez, enterrou a sua misera ciência, o seu ridículo arsenal de cirurgia barata, as suas veleidades de curandeiro. Agora, se algum dia puder voltar ao teatro das suas antigas tolices, não será mais para montar a velha mula de médico. Irá explorar qualquer coisa, plantar batatas, e chocar a um canto a amarga velhice, eterna mestra do egoísmo".

## Política & Letras

### DISRAELI

... Mal chegado ao país, Rui montou, porém, novamente, a velha mula de outros tempos (diriam hoje: a mula manca) e prosseguiu na tarefa ingrata de curar as mazelas nacionais.

#### CARAPUÇAS TALHADAS NAS "CARTAS DE INGLATERRA"

Rui dizia haver tomado "náusea à vida pública em nossa terra". Assim, não se ocuparia de nossos negócios políticos em suas Cartas de Inglaterra.

Mas, já na primeira delas, a famosa carta sobre o processo Dreyfus, Rui começa a trair-se. Observa Lúcia Miguel Pereira:

"Não foi visando apenas a França que escreveu: 'O povo soberano, os partidos e governos, entre as nações sem disciplina jurídica, estão sempre inclinados a reagir contra as instituições que não se doblam ao impulso das maiorias e às exigências dos ditadores... há nações que a não toleram (a lei) senão como um instrumento dos tempos ordinários; e se encontram nela um obstáculo às suas preocupações, ou às suas fraquezas, vão buscar a salvação pública nos sofismas da conveniência mais flexível, a cuja sombra os impulsos instintivos da multidão, ou as aventuras irresponsáveis da autoridade se legitimaram sempre em nome da necessidade, da moral ou do patriotismo'".

Esse "povo soberano", esses "impulsos instintivos da multidão", referiam-se indubitavelmente aos franceses diz a prefaciadora das Cartas de Inglaterra. Mas, seriam os franceses que so-

friam as "exigências das ditaduras", corriam as "aventuras irresponsáveis da autoridade", ou, como diz mais adiante, pediam "à estrela dos despotas sem escrúpulos a panaceia miraculosa ou o signo salvador"?

Seria sobre a Inglaterra a carta em que, a pretexto da questão do Extremo Oriente, denuncia a desorganização da nossa Marinha de Guerra, desmantelada a fim de afastar os implicados na revolta de 93? Seria sobre a Inglaterra aquela outra carta em que unindo à ironia à indignação, traça os perfis de Rosa e França?

#### RUI E PINHEIRO MACHADO

O anedotário de Rui é riquíssimo e tem sido recolhido nas obras escritas sobre ele. Mas, há uma anedota, pouco conhecida, a propósito da queda em que fraturou uma perna. Rui, que noutros tempos tinha sido amigo de Pinheiro, dele se tornara desafeto, depois da primeira campanha civilista. E desafeto ríspido, como costumava ser. É notória a animadversão recíproca, que passou a haver entre ambos.

Quando Pinheiro foi assassinado, Rui sentiu-se, entretanto, profundamente abalado na sua consciência de cidadão, que não podia sofrer a violência de semelhante atentado. Preparou-se para ir aos funerais, vestindo o fraque preto. Quando ia sair, foi interceptado por um amigo que lhe viera solicitar um livro jurídico por empréstimo.

Rui sobe a escadinha de sua biblioteca, para apanhar o livro. Tendo pisado em falso, caiu. Vem o médico, verifica ter havido fratura da perna. Rui não poderá ir ao enterro. Que aborrecimento! Vão pensar que ele não comparece, propositalmente, pelo ódio que votava ao político gaúcho.

— Foi a última rasteira que o Pinheiro me deu! — exclama Rui, já conformado com o acontecimento...

puma, temos aqui, em melodia, o sr. Ayres de Andrade. O rapaz, ou o homem, — sei lá! — que fala de música, de música ou músico não tem nada. Absoluta ausência de ritmo. O estilo é de sujeito gago, quase paralítico, arrastado como se pés não houvessem. Música, embora de cuica de Salgueiro, sempre encontramos na pitanga de d. Haydée Nicolussi. E vem então, dominadora, a seção do sr. Homero Sena. Very good!

Morrendo, o suplemento ainda apresenta uma gringosa — que esses gringos, aqui para o degas, não contam. Mas, antes de soltar o último suspiro, eis que se abre a cortina, no derradeiro ato, e surge, declamando um soneto, o sr. Afonso Pena Junior. Ai está, leitores, sem comentários, a melhor prova de como este velho e pobre mundo enlouqueceu. E, acrescentemos, enlouqueceu irremediavelmente.

Nada mais havendo, e como um suplemento puxa outro, venham comigo, leitores, e leiamos, dentre os suplementos, o benjamin.

#### Diário Carioca

Quase a mesma coisa de todos os domingos. O sr. Pedro Dantas, no seu lugar certinho. Também no seu lugar certinho o sr. Paulo Mendes Campos. Enviando uma crônica de Nova York, o sr. Fernando Sabino. No rodapé, o sr. Vinícius de Moraes conta, em versos, a história do morto-vivo. E, exceção da regra, porque sem dúvida um sujeito seguro em matéria de cinema, o sr. Evaldo Coutinho.

É só. E nada mais.

## ATRAVES DOS SUPLEMENTOS

lógica. No suplemento, e em um suplemento que acaba de adquirir o sr. Tristão de Ataíde, a presença do velhote gaga, como diria o chefe de polícia, é de pas-maar. O sr. Oswald de Andrade, entretanto, não é o único. Resta como lambuja esse pitoresco sr. Clovis Buquê e aquele gozadíssimo sr. Ernesto Feder.

Retirando, porém, esses espinhos — dúvida não resta de que o suplemento do "Diário de Notícias" está um bom suplemento. Tão bom, vamos acrescentar, quanto o suplemento do sr. Frederico Barata.

### O JORNAL

Se o sr. José Geraldo Vieira ficara em Heráclito, em Cícero fica o sr. Cândido Mota Filho. E a doença do clássico — e que fazer, leitores, contra semelhante

doença? Mas, clássico ou não, o certo é que o "constante leitor" conseguiu, falando de Cícero, escrever um dos seus melhores artigos. Há miolo e há cimento, isto é, há idéia e há forma. O mesmo, infelizmente, não posso dizer do arrazoado de d. Vera Pacheco Jordão que, em um mundo do gente viva, foi buscar precisamente um cadáver, esse sr. Raul Bopp que, apesar dos anúncios luminosos e do carnaval, sempre me paraceu um sujeito sem grande tutano.

Enfim, e como lá diz o sertanejo, cada vaqueiro com o seu boi. Fiquemos, por isso, com o sr. Manoelito de Ornelas que, tomando o gaúcho como assunto, sai do assunto em boa montaria. E — Deus misericordioso! — eis novamente d. Yvonne Jean que nos convida para visitar escolas. Já disse:

— D. Yvonne, não sou insetor escolar!

E, exatamente por não ser insetor ou professor, é que, mandando o sr. Clementino Fraga para aquele lugar — que demagogia, leitores, que retórica! — fico, alegre e satisfeito, com o sr. Bezerra de Freitas. Embora entrando no latifúndio do sr. Eugênio Gomes, "livros ingleses", o ensaísta brasileiro realiza um pequeno estudo simplesmente notável. No suplemento em que colabora o furioso Monte Brito, o estudo do sr. Bezerra de Freitas ressalta como se fosse uma coisa escrita por francês do século XVIII. Mas, já que falamos no demente, que diz o sr. Nobre de Melo sobre esta última crise que visa sobretudo o poeta Antonio Rangel Bandeira? Quanta espuma, leitores!

Afinal, para compensar a es-

## Da interpretação na critica da literatura

(Conclusão da 3.ª pág.) prio grupo. E' também o que se dá na vida espiritual: o homem abdica de uma parcela, às vezes considerável, de sua liberdade, em troca desse pão do Grande Inquisidor que é a sombra acolhedora de uma doutrina ou de um sistema...

O crítico não pode, porém, abrir mão da mais essencial das suas liberdades, que é a de descobrir ou a de reconhecer a parcela de verdade que pode existir, que realmente existe, nos seus adversários de idéias e até nos seus adversários pessoais conforme o sr. Tristão de Ataíde observou nas interessantes meditações dedicadas a essa atividade de que é um dos mestres indiscutidos. E' entretanto o que se verifica com

a maior frequência e o que tem feito dos debates de idéias sangrentas justas de eliminação do adversário. O homem recusa admitir a existência de idéias antagônicas lado a lado e não deixa de identificar as idéias alheias com os seus conceitos pessoais de bem ou de mal conforme concordem ou não com as suas próprias. E' uma atitude egocêntrica de feia conceitualização moral, mas de imemorial existência histórica.

Tudo isso porém o crítico deve esforçar-se por corrigir se realmente deseja interpretar a obra-de-arte e não apenas expor as suas idéias. Grande parte das justas acusações que se têm feito à critica resulta dos erros de observação provocados por deturpações conscientes ou

por ineficiência da leitura inteligente. Santo Agostinho recomendava que a leitura não se resumisse num exercício de "inter legere" mas que "abran-gesse principalmente um esforço de "intus legere" de leitura interior, procurasse atingir o maior grau de penetração e agudeza do entendimento.

E embora o Cardeal Mercier como outros muitos, tenha discordado dessa etimologia da palavra "intelligente", nem por isso ela deixa de ser uma admirável e sempre fugitiva aspiração da critica de literatura: o conhecimento do autor ou da obra graças a uma penetração na sua substancia e não por um superficial passeio na crista de suas palavras.

#### ENQUANTO

"ESCOLHI A LIBERDADE", de Victor Kravchenko, prossegue batendo todos os records de venda — A EDITORA "A NOITE" ANUNCIA OUTRO LIVRO SENSACIONAL

"BASES E FUNDAMENTOS DO TRABALHISMO", de Clement Attlee (primeiro ministro britânico) — A sair em Julho — Em tôdas as livrarias. Cr\$ 30,00



# OS MORTOS

Conto de LÍGIA FAGUNDES TELES

VOU contar tudo, prometo que contarei tudo, porque é preciso que alguém saiba como foi. Nem sei por onde começar, estou atordada e neste instante tenho vontade de dormir, dormir e só acordar depois que isso tiver passado. Mas antes quero que alguém ouça. Enquanto eu estiver contando, talvez explique a mim mesma uma porção de coisas que ainda não entendo, talvez chegue a conclusões que dêem um pouco mais de sossego a meu coração. É que nem sei se sou culpada. Sei que o perdi e me perdi para sempre. Ali no cinzeiro, há ainda um pouco de cinza do último cigarro que ele fumou; aqui, ao alcance de minha mão, está o livro que ele nem terminou de ler... Ergo os olhos e dou com minha figura refletida no espelho do armário: desconheço essa mulher que me olha estupidamente. "Eu vi Luis Felipe descer as escadas, — ela me diz. Foi se embora, sem pressa, o olhar tão vazio, vazio..." Mas espera, já estou precipitando tudo, vou começar desde o início, procurarei ficar calma, espera, é preciso ir com calma.

Encontrei Luis Felipe numa festa e enquanto desajeitadamente ele se desculpava por dançar tão mal, eu dizia a mim mesma: vou conquistar esse rapaz. A pretexto de mostrar-lhe um quadro na biblioteca, consegui afastá-lo da roda em que estava.

— Não é mesmo belíssimo? — perguntei-lhe. — Aquele anjo ali tem uma expressão que me comove tanto! — prossegui apontando a esmo para uma das figuras.

Também deve gostar de música, conclui. E não hesitei: — Daqui a alguns dias irei a um concerto. O pianista interpretará Bach, Schubert e acho que Mozart. Dizem que é excelente!

— Como se chama? — quis saber.

— Jones! — foi o primeiro nome que me veio à boca. — Edward Jones, — completei fingindo-me concentrar. — Vai ser em casa de uma amiga e estou incumbida de convidar algumas pessoas. Quer ir?

Antes que ele respondesse, meu avô entrou na sala. Enlaçou-me rindo e ri também, mas o que eu sentia era raiva. Atrapalhara tudo.

— Já conseguiu enfeitá-lo? — perguntou meu avô piscando o olho.

Disfarcei respondendo qualquer coisa, enquanto Luis Felipe, embaraçado, tirava o relógio do bolso. Esquecia-se, tinha um cliente à espera, precisava ir indo, estava postando muito da prosa, mas não podia mesmo se demorar... Tropeçou no tapete, voltou-se, sorriu, esbarrou na porta...

— Que fuga! — comentou meu avô num risinho. E consolou-me. — Mas esse não serve, mesmo. É um médico pobre, ainda no início da carreira; conheci-o há meses, enfurnado num hospital. Parece que de testa tudo o que você adora: dancinhas, chás... não, não combina com você, desista.

Disse-lhe então que não estava interessada, mas já no dia seguinte folheei a lista telefônica até encontrar o endereço de Luis Felipe.

Quero que saibam que planejei tudo firmemente. Nunca pude supor que depois viesse a amá-lo desse jeito, com um desejo que às vezes me obriga a lutar e reagir como se me picassem alfinetes e, ao mesmo tempo, com uma ternura tão desalentada, que chega a me prostrar como um objeto de chumbo jogado nesta voltrola. Faz muito frio mas não tenho ânimo de ir buscar o cobertor. Já está anoitecendo e de lá do balcão vem vindo um ruído abafado de talheres. Marta deve estar pondo a mesa. Marta me odeia desde que presenciou aquela minha cena com Luis Felipe. Por que não me contava? por que fui tão tola? Baixinho, num tom de voz dessembrado, ele dizia: "Controle-se, por favor, não se emborace, controle-se!" E eu a dizer aquilo tudo ali mesmo, na frente de Marta que servia a sone... Se meu avô tivesse me educado de outro modo, se ele não achasse sempre tanta graça no meu egoísmo, no meu "não violento"... Ele teve muita culpa, sim, ele que me educou cedendo sempre, sempre desculpando! não, não é isso. Ele me amava muito, coitado! Ele também não tem culpa de nada...

Mas já estou embaralhando tudo, espera, vou retomar o fio,

é preciso ir com calma. Eu tinha parado quando... ah! eu dizia que já no dia seguinte telefoniei a Luis Felipe marcando o dia do concerto. Quinta-feira, por exemplo, era um dia simpático. Pois seria quinta-feira.

Escolhi um vestido decorado e um perfume excitante. Só mais tarde, bem mais tarde, timidamente, Luis Felipe me pediu que não usasse vestidos assim, preferia que fossem mais discretos, mais sóbrios... Luis Felipe, tão poucas coisas você me pediu! Que me custava satisfazer a seus desejos? Também, você podia ter compreendido que só tenho vinte e três anos, tinha uma vontade louca de me exibir, de brilhar. Se eu

sa hora eu imaginava como o que ele ficaria com uma gravata elegante, com uma roupa bem talhada. Seria preciso ensinar-lhe certas coisas, pensei. Ele achou que eu me interessaria pelos casos, mostrou-se grato. E pôs-se a narrar trechos da sua infância de menino pobre, falou sobre a namorada que tivera, da tarde em que pulara a grade de um jardim, para roubar uma flor e oferecê-la embrolhada num verso. Gostava muito de um cachorro que se chamava Bóbi. Bóbi sabia cumprimentar estendendo a pata.

Mostrei-me doce e maternal, mas a verdade é que eu estava profundamente decepcionada.

trário teria ido recebê-lo no dia seguinte. Nem sei bem porque resolvi prolongar a briga: eu me sentia uma vítima, seria bom fazê-lo sofrer um pouco. No instante em que ouvi seus passos, fui para o escritório, a poltrona dispendiosamente as unhas. Ele entrou ansioso, chamando por mim. Tinha os olhos brilhantes de alegria quando me ofereceu um ramo de flores. Mal retribuí o beijo que me deu. Tomou então minhas mãos entre as suas e pôs-se a explicar que se não saíamos muito à noite, é porque ele chegava cansado, queria ficar a sós comigo, afligia-se no meio de muita gente, tinha ciúmes de mim.

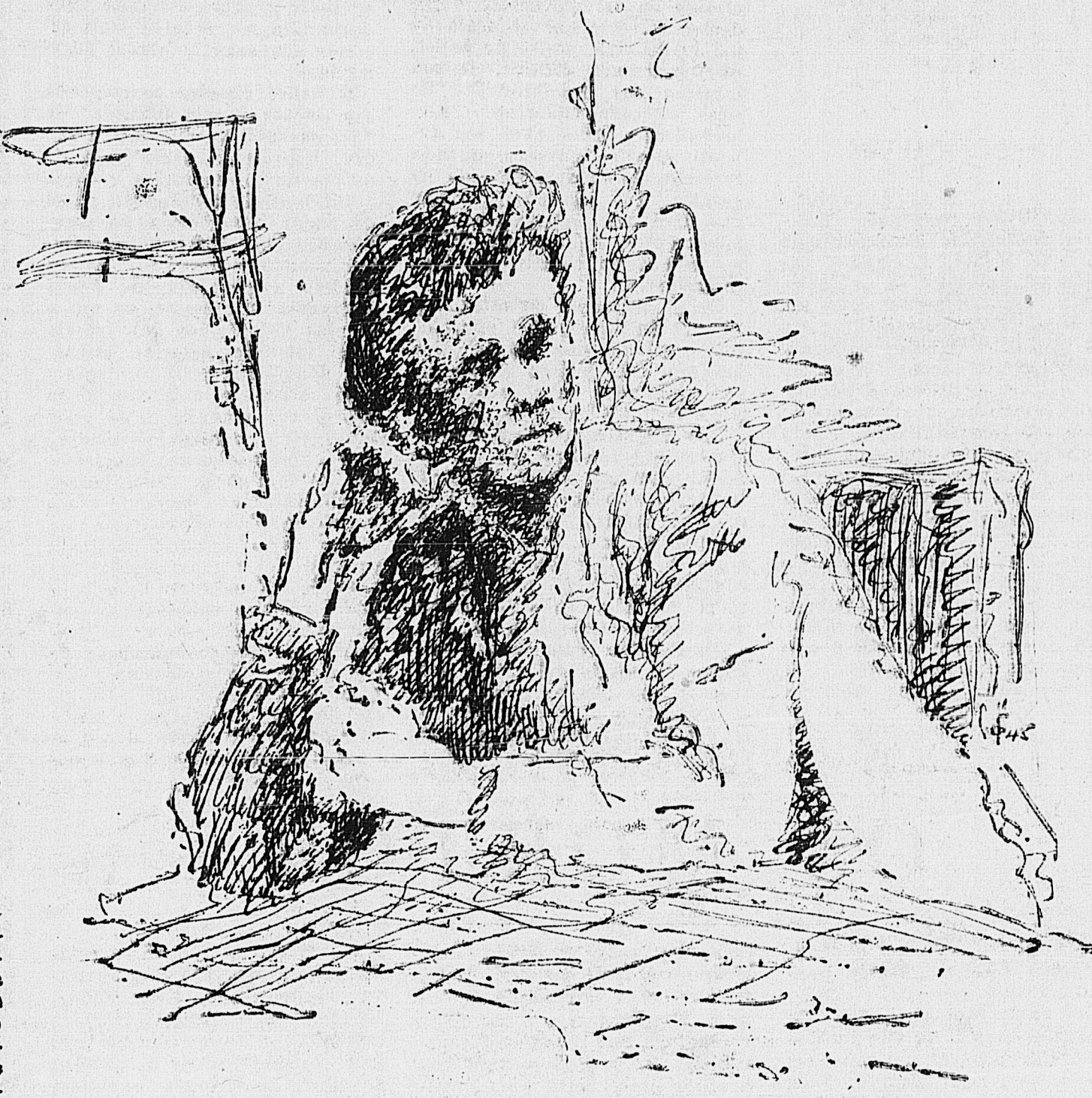


Ilustração de FAYGA OSTROWER

soubesse, meu Deus, se eu soubesse! Bem, mas isso não interessa agora. Lembro-me de que andamos vagarosamente por várias ruas. Você parecia apreensivo, às vezes consultava o relógio.

— Será que o concerto ainda não começou? — perguntou-me afinal.

"Que concerto?", eu já lá dizer. Contive-me. Ah, o concerto...

— Esquecia-me de avisar-lhe, — comeci hesitante. — Veja que pena! Justamente hoje o senhor Jones ficou doente, não pode tocar. Você não se importa?

Ele disse que não, mas notei desaponto em sua fisionomia. Tive vontade de deixá-lo ali mesmo e ir embora. Então o concerto era mais importante do que minha companhia? Achei que ele preferia a música naquela primeira noite em que saímos juntos. Ah! este orgulho!... Depois, quando casados, acusei-o de preferir a profissão, os livros, o cachorro e finalmente... finalmente, Elisa. Mas espera, eu dizia que pensei em deixá-lo, quando ele pegou no meu braço, sorrindo de um modo ingênuo e ao mesmo tempo gaiato, sorriso de menino bonzinho, que hesita fazer alguma travessura mas não resiste e se decide afinal.

— O senhor Jones ficará para outra vez, — disse. Hoje, poderíamos ir a um teatro, depois tomar um refresco, depois dar uma volta no parque. Está bem?

Lembro-me de que nos sentamos num banco embaixo das árvores. Falou-me sobre alguns casos difíceis que apareceram no hospital, mas não ouvi uma só de suas palavras, porque nes-

Então era isso o seu passado? Esperava que ele me contasse histórias picantes e mais ou menos escandalosas, queria que se mostrasse experimentado. Um diploma obtido com esforço, uma namorada que se casara com outro, um cachorro que sabia cumprimentar... Chegarei a amá-lo? foi a pergunta que fiz a mim mesma e que voltei a repetir na manhã do casamento. Quanto a ele, ah!... eu estava bem certa de seu amor e como dói essa certeza, agora que o perdi! A alegria com que ele chegava do consultório, exigindo que eu mesma fosse recebê-lo! Corregava-me então nos braços e contava o que fizera, o que pensara: "Estou sendo um péssimo médico", confessou-me. Os clientes se queixam e eu mal ouço, penso em você, em você!"

Nossa primeira briga, por que foi mesmo? Ele não queria sair de casa, é, acho que foi isso. Não queria sair; cismou de ficar ouvindo discos, fumando cachimbo. Luis Felipe era estranho, tinha às vezes umas esquisitices. Afinal, será que ele não entendia que eu precisava de distrações, que tenho um guarda-roupa repleto de vestidos? "Aqui está tão bom!" exclamou. "Mas já fiquei em casa o dia todo, estou farta disto!" repliquei. Pedi-lhe então que vestisse o meu mais belo vestido. iríamos fazer um passeio. "Não, agora não vou mais, não quero forçar ninguém!" gritei. Teria mesmo gritado? É, acho que gritei. Gritei e batí a porta do quarto. Na reconciliação, chorei no seu ombro. Era amor, sim, mas está claro que eu ainda não sabia, porque do con-

"A profissão em primeiro lugar, não é isso?" perguntei-lhe. Afastou-se então de cabeça baixa, um assobio leve nos lábios. Nem era bem um assobio, era mais um soprosinho sem nenhuma melodia. Afastou-se no momento exato em que eu já ia ceder. Quantas vezes não aconteceu assim? Discutia com ele, é verdade, mas nunca guardei rancor. Luis Felipe levava tão a sério essas coisas, parecia até criança! Luis Felipe, meu amor, eu te provequei, sim, mas por que você não teve um pouco de paciência? Fiquei com mais raiva ainda quando te vi lendo jornal. Eu estava sofrendo e você a ler jornal! Fui para o quarto, deixei as flores atiradas no divã e me deitei sem dizer boa-noite. Na manhã seguinte, fingindo dormir, vi quando ele se deteve a olhar para as flores já murchas. Pareceu-me que seus olhos se encheram de lágrimas. Seriam lágrimas? Estava um pouco escuro, entretanto tenho quase certeza que ele chorou. Mas por que se comoveu com as flores o não comigo? Luis Felipe era mesmo um homem esquisito; se tivesse me olhado assim, eu teria me atirado aos seus braços, pedido perdão...

Agora, aquele livro ficará para sempre marcado na mesma página; agora, não ouvirei nunca mais aquele risinho de menino encabulado, surpreendido em falta...

É verdade que de algum tempo para cá ele quase não sorria; às vezes, alegrava-se, sim, mas era com o Bóbi. Aquele cachorro odioso! Sempre detestei cachorros. "Crie-o com mamadeira — Luis Felipe me

disse. Bóbi é como um bebê-zinho..." Ah, com que raiva eu o via ir latindo como louco para receber Luis Felipe no portão! Bóbi tomou o meu lugar. Por que deixei um cachorro tomar meu lugar? Brincavam como duas crianças, rolavam pelo tapete, Luis Felipe se escondia, Bóbi saía como uma bola a sugar atrás das portas... "Luis Felipe pare de uma vez com isso, deixe de ser ridículo! Não vê que a casa fica em amarelo, que suas roupas se amarrutam?" disse-lhe um dia. Ele se recompôs. Notei que tinha o rosto fortemente corado quando, de cabeça baixa, foi-se sentar num canto; Bóbi, que parecia entender tudo, acompanhou-o com o rabo entre as pernas e deitou-se humildemente a seus pés. "Você odeia tudo quanto eu amo", disse tranquilamente, como se fizesse um comentário sobre o tempo. Ah, meu Deus, por que ele não se desafiava, por que ficava a me olhar daquele jeito, impassível? Era preferível que me esbofetasse, me insultasse, fizesse o que bem entendesse, mas não ficasse daquele jeito! Tão fino, tão distinto, tão imbecil!... Não, não, não sei mais o que estou dizendo. Luis Felipe, meu amor, não te mereci nunca, nunca prestei para coisa alguma, você até que foi muito bom, muito paciente. Que horrível pensar que se fiz aquilo, foi porque te amava! Tão claro tudo, como você não notou?

Era preciso me livrar do cachorro. Soltá-lo? não, não adiantava, era muito esperto, voltaria no certo. Tive então aquela ideia. Ah, mas como pude ser tão mesquinha, tão baixa! Estracalhei a minha chinela e atirei-a no jardim, ao lado da tigela de Bóbi. Quando Luis Felipe chegou, tomei-o pelo braço: "Venha, querido, venha que quero te mostrar o que a tua criança fez". Quando viu as plumas no meio da lama, as feições de Luis Felipe se enrijeceram; o rosto parecia feito de pedra. Pensei que ele fosse castigar o cachorro, cheguei a sentir medo. "Bóbi, Bóbi!" ele chamou. Apesar de ouvir os guisos da coleira, o cachorro se aproximou tremendo, adivinhando que desta vez não ia haver passeio. Como se entendiam aqueles dois! Saíram em silêncio e só algumas horas depois Luis Felipe voltava, mas Bóbi já não veio com ele. Até hoje não sei com quem Bóbi ficou. Pensa agora que deserto ficou com ela, com ela que era tão doce e tão compreensiva...

Durante o jantar desse dia, Luis Felipe não parecia estar triste, parecia estar cansado, mais nada. Achei-o tão vencido, tão esmagado, que cheguei a me arrepender, juro que me arrependi, não tenho mau coração, faço as coisas, é verdade, mas depois souro também... Quis consertar o que fizera e disse-lhe que podíamos ter outro cachorro, um cachorro mais fino, mais bonito do que Bóbi que, afinal, era um grande estorvo. Luis Felipe continuava silencioso. Foi nessa noite horrível, diante da Marta que servia a sopa, foi nessa noite que eu disse tudo. Criticava-o que podia ter saído também, criticava o cachorro, não era obrigado a voltar, eu ficaria muito bem com meu dinheiro, "com meu dinheiro, quer?" Ele sorriu, sim... Que doída, que doída! Mas se sempre desprezei o dinheiro, por que fui mencioná-lo? por que? Não, não quero me fazer agora de ingênua, eu queria mesmo fazer Luis Felipe e sabia perfeitamente que nada mais podia fazer. Muito ridículo, ele podia baixinho: "Por favor, controle-se, olha a emborace, controle-se!"

Nem sei quantos dias passamos falando apenas o necessário; entrando e saindo sem ruído. Luis Felipe agia como se houvesse em casa uma pessoa doente, que não deve ser despertada. Foi quando pensei e se ele arranjar outra? Parecia não poder muito infeliz, pelo contrário, várias vezes cheguei a surpreendê-lo de olhos caridosos, me ar de sorriso na face... Fiquei agressiva, comecei a fiscalizar-lhe as telefonadas, a correspondência. E tranquilizei-me. Pela primeira vez, eu era a única e, no momento que bem entendesse, ele voltaria rastejante. Afinal, os homens gostam de mulheres misteriosas.

(Conclui na 16.ª pag.)



# O BALLET DA JUVENTUDE

EROS MARTIM GONÇALVES



Ilustração de EROS MARTM GONÇALVES

**V**ejam todos: Cinco Jovens que dançam na ponta dos pés. O bailarino — pássaro! Há pouco mais de um ano, os pés ligeiros de cinco-meninas bailarinas pisavam o palco minúsculo da velha cidade provinciana. Um jovem que se atirava no espaço como uma flecha, fazia levantar emocionada a platéia do teatro Municipal de Ouro Preto. O atual "Ballet da Juventude" iniciava então a sua viagem maravilhosa revolucionando as cidades pacatas do interior do Estado. Ao idealismo do estudante e decorador teatral, S. Castello Branco que junto as Associações Acadêmicas se interessou na formação desse grupo dançante, deve-se a atual existência de uma das primeiras Cia. de Baile que se formou para além da confusão oficial do nosso teatro maior.

Sómente um rásco de audácia o sr. Milton Rodrigues conceberia a idéia de financiar uma Cia. de Ballet, fechando os olhos aos perigos da falência. Gesto desinteressado que lhe valeu hoje um sucesso.

A Direção Artística está entregue ao Sr. Ignor Schwetoff que em boa hora voltou ao Rio, para continuar a obra iniciada no Teatro Municipal e tão desastrosamente interrompida. Não tivemos ocasião de assistir à sua temporada de 1915 naquele teatro. Mas temos ouvido falar muito da montagem de ballets que constituíram a julgar pelos recortes da imprensa o maior acontecimento na história do Ballet Nacional.

Só os invejosos negam a evidência dos acontecimentos. O fato de não termos assistido àqueles espetáculos não prejudica o nosso julgamento: aqui estão os resultados práticos da

aprendizagem bem orientada por um grande mestre. O que o sr. Schwetoff conseguiu em três meses de ensaios numa pequena sala da União Nacional dos Estudantes, é verdadeiramente milagroso. Meninas contando tão somente dois a três anos de estudo poem o corpo de baile. Foi preciso um talento todo especial para coordená-las e estabelecer o espírito de rotina tão necessário à prática do ballet. Pela primeira vez pisaram o palco e fizeram frente a uma platéia que ainda duvidava dos resultados. Estes ainda estão longe da perfeição desejada. Porém, guardando as proporções, é praticamente impossível exigir mais. Ao talento do mestre aliou-se a confiança, o talento e a vontade juvenil de aceitar que caracterizam esses dançarinos. Tivemos ocasião de seguir de perto os ensaios e as classes do sr. Schwetoff e podemos afirmar que se trata de um verdadeiro mestre do ballet, de um grande técnico. A sua intuição das possibilidades físicas de cada bailarino é surpreendente. Admirável seu talento para as nuances, quando servindo de modelo durante os ensaios. Seu controle muscular nas tensões, relaxamentos e movimentos de ligação falam do verdadeiro talento do dançarino-artista.

Como programa de estréia, o "Ballet da Juventude" apresentou o "Lago dos Cisnes" em um ato, "As Valsas de Esqui-nas" um novo ballet e a repetição de "Sonata ao Luar".

Não discutiremos aqui da necessidade tradicionalista de começar com um ballet clássico. De qualquer maneira, constitui uma verdadeira temeridade a escolha daquele ballet famoso pelas suas dificuldades; ballet considerado "test" não só para a primeira bailarina como para todo o corpo de baile. Tamara Capeller uma jovem bailarina de muito talento e boa técnica não possui ainda nem o tempo nem o desenvolvimento necessários para tal experiência. A princesa Odette é a

prova máxima de uma grande artista e de uma grande virtuosidade clássica. E digamos de passagem a pequena Capeller saiu-se bem, não julgando sobre a primeira performance naturalmente prejudicada pelo nervosismo e desajustamento da hora. Tamara Capeller tem melhorado consideravelmente de espetáculo a espetáculo, mostrando uma compreensão maior do seu papel. Tecnicamente o seu trabalho é perfeito, sem as indecisões e as desigualdades das primeiras performances. Também adquiriu mais estilo. Como Nat Stoudenmire a variação do príncipe, Tamara Capeller possui um lirismo natural, próprio da sua figura mas que não corresponde ainda àquele grande lirismo criado pelo artista. Esses dois bailarinos em botão ainda não encontraram quem lhes fizesse ouvir a palavra mágica que despertará os recantos mais secretos das suas naturezas adormecidas.

O ballet clássico corresponde exatamente àquela fórmula de "art savant" de que falava De-gas. Representa o resultado de uma série de operações em que a inteligência tem o seu papel de maior importância no regulamento dos movimentos. Outro grande poeta Paul Valéry falando a propósito da dança distinguia claramente os movimentos voluntários que trazem uma intenção exterior utilitária, daqueles que se contentam a si mesmo e cuja finalidade não é outra senão a de criar um estado emotivo particular. É a organização dos movimentos de dissipação. Sem querer imediatamente traduzir os acontecimentos dramáticos ou deixar que o impulso passional comande os movimentos (no caso de "Sonata ao Luar"), o ballet clássico coloca-se no outro extremo da escala, na torre de marfim, acompanhada de sua maestria e virtuosismo técnico. É evidente, que não incluímos na apreciação, a parte mímica de "O Lago dos Cisnes", nem mesmo certos movi-

mentos de intenção onomatopáica. Deste comando absoluto depende a beleza do estilo e essa falsa impressão de facilidade nos movimentos mais difíceis. Porque na verdade quando se dança não há imobilidade, está sendo quase que um estado forçado de violência. Os movimentos mais impossíveis colocados no plano "natural" da dança devem parecer fáceis e naturais. Poderíamos dizer como Mallarmé que "la danseuse n'est pas une femme qui danse, car ce n'est point une femme, et elle ne danse pas". Odet-te não é tão somente a princesa dos cisnes, mas um ser maravilhoso e mitológico cujas penas alvas escondem a chama interior que é o próprio impulso da dança — o princípio do movimento contido numa realidade impossível de fogo sobre a neve.

A valsa de o "Lago dos Cisnes" merece algumas considerações. Berta Rozanova que tem sido unanimemente considerada a primeira revelação da temporada dançou bem, nós confessamos, nos agrada menos no estilo puramente clássico. Jacqueline Reymond é um dos elementos mais estáveis da Companhia, destes tão necessários quanto as primeiras bailarinas. Maria Angélica, uma debutante de grandes possibilidades, alia o físico a uma graça natural para a dança. Ainda é difícil dizer em que gênero do ballet se desenvolverá esse talento que ora se revela. Falta-lhe ainda ligação e sincronização de movimentos.

Contrariando a tradição, as maiores da trupe dançaram o "pas de quatre". Harmônicas algumas vezes, outras vezes dispersas. Pessoalmente não apreciamos muito este movimento que nos parece um tanto ou quanto fora da atmosfera do ato.

Aqui deixamos um protesto contra a orquestra, verdadeira charanga de circo. Não sabemos se por culpa dos músicos ou do regente. No entanto, pareceu-nos melhor com o maestro Mignone.

(Conclusão da 9.ª página)

Mulheres misteriosas!... Que cega, meu Deus, que cega! Quando é que eu poderia imaginar que a visita, que me fez Ana viesse a ter tanta importância na minha vida? Primeiro falamos sobre modas, festas; depois, sobre as novidades, os escândalos. Ana estava sempre ao par dos mais recentes acontecimentos: sabia, por exemplo, que Dudu fugira com a noiva do filho "veja que horror, do próprio filho! Hum!... esses homens, — suspirou Ana. E quanto mais fiel a gente é, mais eles fazem das suas. Veja Luis Felipe..." A xícara de chá estremeceu nas minhas mãos. Coloquei-a na mesa e acendi um cigarro. "Ah, você também sabe?" perguntel com a voz mais natural que consegui. "Se eu sei? Mas claro!" exclamou Ana quase ofendida. "Aliás, prossigui, eu nem queria tocar nesse assunto, mas enfim, como já não é mais nenhum segredo... quer dizer, muito pouca gente sabe. Esse teu Luis Felipe é discretíssimo! Pois nem o nobre do marido desconfia! Também, ele é muito mais velho do que ela, tinha que acontecer isso mesmo. Com parte de médico, o teu Luis Felipe vai sempre lá, se dá muito bem com o marido, veja que esperto! Esses médicos!... Mas ele tem razão, o ideal é o amante ser amigo do marido, é bom mesmo fazer como certos criminosos que só dão muito bem com o delegado, porque esse é o meio mais seguro de estar sempre ao par de tudo direito. Quando a coisa começa a ficar preta, o bicho foge. Não é divertido?"

Um riso paralisado arregalava os meus lábios. E sem tomar fôlego, ela prosseguia, entrava em minúcias, sem esperar que eu fizesse perguntas. Chama-se Elisa e era bonita, sim, e tinha um ar muito doce, muito honesto. Ninguém sabia de outro caso em sua vida, aquele era o primeiro. "Incrível, não?" exclamou.

Depois que Ana saiu, muito tempo fiquei ali quieta, pensando. Já não tinha vontade de armar um escândalo, de procurar o marido de Elisa e dizer-lhe a verdade, de arru-

mar minhas malas e abandonar Luis Felipe. Fiquei pensando.

Foi então que descobri. E essa descoberta foi tão inesperada, tão terrível, que me fez estremecer: eu amava Luis Felipe, eu amava Luis Felipe. Ele estivera tão preso em miríadas mãos, tão seguro, e deixei-o escapar, soltei-o. Agora ele tinha outra, tinha a Elisa, tão simples, tão doce... Enxuguei as lágrimas. Não, agora não adiantavam cenas, era preciso muita calma, seria difícil reconquistá-lo, mas era preciso ter calma. Vi-me no espelho, bela e forte, e sorrir para mim mesma, tanta confiança me dava essa certeza. Seria muito fácil, naquela noite mesmo eu resolverei tudo.

Corri para abraçá-lo assim que ele entrou: "Quero fazer as pazes, quero fazer as pazes!" exclamei, a beijá-lo repetidas vezes. Ele me olhava surpreso, sem uma palavra, sem um gesto. Aquilo me gelou. Era assim que me recebia? Eu me humilhara para ser recebida desse modo? Fiquei zouza, erisparam-se minhas mãos e num desabafo disse-lhe o que me veio à cabeça: primeiro, ironias, depois acusações e, finalmente, insultos. Ah, por que fui perder a calma, por que, meu Deus? por que fui tão louge? Fiquei rouca, devia estar horrorosa, os cabelos em desalinho, as lágrimas manchando o carmim do rosto. — ouvia com um assobio a se desenharem nos lábios um assobio ainda mais surdo, quase imperceptível.

Quando percebi que fracassara, afirei-me soluçando aos seus braços. "Luis Felipe, me perdôa, eu te amo muito, só agora descobri! Me perdôa, vamos tentar mais uma vez, me dê esta oportunidade! Juro que não tocarei mais nisso, serei boazinha, vamos para as montanhas, como na lua-de-mel... Me perdôa?", implorci beijando-lhe as mãos. "Não tenho sido fiel, não tenho?" perguntei-lhe.

Passando docemente o lenço

pelo meu rosto molhado, Luis Felipe conduziu-me ao sofá, fez-me beber um pouco de vinho. Depois, pôs-se a me olhar e esse era um olhar sem esperança. Surpreendi-o uma vez a olhar assim para uma menina que estava morrendo. Tinha os olhos fixos na criança, parecia mesmo procurar alguma coisa... Que é que ele procurava em mim?

Carregou-me nos braços, deitou-me na cama. Afundei a cabeça no travesseiro, tive vontade de chorar de alegria quando senti a cabeça leve que ele fez nos meus cabelos. Ainda me ama um pouco, pensei, ainda não está tudo perdido. E quando me ergui para repetir que fossemos para as montanhas, para as montanhas... achei o quarto vazio. Ainda ouvi o portão se fechar devagarinho.

Que horas seriam quando Marta veio me chamar? Atorreada e dolorida, procurei por Luis Felipe. A cama dele estava intacta. "Dona Ana quer falar com a senhora", Marta repetiu. Corri para o telefone com um pressentimento. Ana falava tão depressa, que a princípio não conseguí entender nada.

— Que foi, Ana? Não ouço, fale mais devagar, que foi?

— Pois criatura, então ainda não sabe? A Elisa, a Elisa do teu Luis Felipe... — respirou profundamente e prosseguiu mais calma: — Suicidou-se! Imagine que ontem à noite tomou não sei quantos tubos de uns comprimidos para dormir e quando acudiram, ela já estava aronissante. Foi para o hospital e hoje de madrugada morreu. Ontem mesmo eu já soube de tudo, veja você que horror, a coltada! Dizem que o marido está feito louco! Preciso ir lá, não eramos amigas mas você compreende, nesses momentos a gente precisa ajudar, é uma caridade, não é mesmo? Nem sei que vestido hei de pôr, não tenho nada próprio, o meu azul...

Ana ainda falou sobre vestidos, mas eu não podia ouvi-la.

Elisa estava morta. Elisa estava morta. Quando eu procurava reconquistar Luis Felipe, Elisa se envenenava. Estava morta!... e tive vontade de sair correndo, abrir as janelas e gritar, que todos ouvissem que Luis Felipe agora era meu!

No necrotério havia ainda pouca gente. Antes de entrar, perguntel a um enfermeiro onde podia encontrar Luis Felipe. "Sei que o doutor passou a noite aqui, mas me parece que já saiu".

Quando me aproximei do caixão, meus dentes batiam tanto, que tive de apertar a mão contra o queixo para ver se aquele tremor diminuía. Muito tempo fiquei a olhar o rosto cinzento, quase escondido entre rosas úmidas e frescas. Elisa era bonita? Engraçado... antes de vê-la, tinha a certeza de que era, mas agora já não sei mais dizer. Lembro-me de que uma gota d'água, rolando de uma das pétalas, caiu na face morta e ali ficou como uma grande lágrima. Era uma fisíonomia distante e dolorosa, nunca mais poderei esquecê-la. Abraçada a uma velha, um homem de cabelos grisalhos chorava: "Fui sempre tão fiel, tão dedicado! Por que ela fez isso, por que?"

Rezei antes de sair. Elisa fora generosa, que sua alma descansasse em paz, eu a perdoava. Afinal, agora ela se tornara inofensiva, coitada! Dentro em pouco, aquele corpo estaria desfeito, as lembranças que restavam, iriam também se desfazendo... E eu estava viva, viva!

Corri para casa. A manhã estava radiosa e eu estava tonta de alegria. Ao entrar, dei com a capa de Luis Felipe atirada numa cadeira. Ele voltara. E exatamente como nos primeiros tempos em que vinha ansioso e afobado, deixara a capa em cima do primeiro móvel, afilto por se desventilhava de tudo, para me apertar nos braços. Adivinhando-o no quarto, subi as escadas, abri a porta. As persianas estavam

descidas. Na penumbra, aos poucos, fui distinguindo seu vulto.

Que é que você está fazendo aí no escuro, querido? — perguntel-lhe, enquanto acendia a luz. Ele estava estirado na poltrona, — nesta mesma poltrona — as pernas frouxas, as mãos abertas abandonadas sobre os joelhos. Lembro-me de que tinha os sapatos desamarrados. Encarou-me com uma expressão que eu ainda não conhecia: não, não era de tristeza, não era bem isso... não sei, não sei, meu Deus! Sei que tive medo: não se precipite, não fale na morte, muita calma agora! — berrava a mim mesma.

— Luis Felipe, — sussurrei timidamente, tenho errado, mas está em tempo de recomencarmos, prometo respeitar o que se passou, podíamos...

Não continuei porque ele parecia não ouvir absolutamente nada do que eu estava dizendo. Ergueu-se sem pressa, desceu as escadas como um sonâmbulo. Não fiz nenhum gesto para detê-lo. Podia ter suplicado, podia ter-me atirado aos seus pés... Mas não, percebi que não havia mais nada a fazer, quando ele passou e me olhou com aqueles olhos mortícios. Fiquei gelada de pavor. Era como se a morte tivesse passado por mim.

— Vou-me embora, — disse. E apanhando o chapéu e a capa, abriu a porta e desapareceu.

— O doutor vai jantar em casa? — Marta me perguntou.

— O doutor viajou, — respondi. Podia ter dito: o doutor morreu. Não seria o mesmo? Porque Luis Felipe não voltará, eu sei. Ele não voltará. "O que é que vou fazer sem ele?" perguntava o marido de Elisa. Também eu, olho em redor e fico perguntando: que é que vou fazer sem Luis Felipe? Na mesa, seu lugar ficava vazio, aquele cachimbo sempre apagado, aquele livro marcado na mesma página, sempre na mesma página...

Lá debaixo vem um ruído abafado de talheres e na calçada há risos estridentes de crianças. Mas tudo está tão longe, que parece vir de um mundo que já não é mais o meu.

## OS MORTOS



## CONCURSO DE CONTOS

**DIAMANTINO S. DA SILVA** — O conto "Mãos Criminosas" é muito melo-dramático, sem essa finura artística que desejamos num concurso que visa apurar o gosto literário e não simplesmente oferecer narrativas curiosas ao público. A ilustração não está má e sentimos não poder-lhe aproveitar. Mas o conto também indica que o senhor será capaz de fazer melhor.

**TEREZA ALMEIDA — LIVRAMENTO — RIO GRANDE DO SUL** — Agradecemos o seu interesse pelo nosso concurso aí de tão longe, onde raramente chega o nosso suplemento.

Dos dois contos que nos enviou "Flor de Cardo" é indiscutivelmente o melhor, embora não tenha enredo e possua um sentido poético. E' porém, um tanto curto não possuindo o caráter de conto tal que desejamos. Esperamos outra produção sua mais alentada. Será mais interessante até se for regional, refletindo esse ambiente tão típico da fronteira uruguaia.

**AMÉRICO L. MATOS — BELO HORIZONTE** — Não está mau seu conto "Negro bilhete, etc.", mas foi superado por outros. Por isso não conseguiu classificação. Há de se ter em vista também isto: não só o padrão do trabalho, como também o padrão do concurso.

**NORIVAL MENDES SOBRAL** — Um tanto vulgar o seu "O Ingrato", embora não mal redigido. Não conseguiu classificação.

**TINHO — CASCADURA** — O amigo é muito caprichoso e vemos que se interessou bastante pelo nosso concurso. Mas apesar disso o conto "O Sonho do Mordomo" não está em condições de ser classificado.

**ARN CAMPOS — CAPITAL** — O conto "Pintacuda" está bem feito, mas próprio, porém, para uma revista infantil ou didática. Em nosso concurso desejamos coisa um tanto diversa.

**ALUISIO DE MEDEIROS — FORTALEZA** — E' sempre com a maior satisfação que recebemos originais assim, de tão longe. Do seu conto "O Navio" podemos dizer, porém, o mesmo que já dissemos ao concorrente acima. Embora lhe reconhecendo predados pedimos melhorar. O Ceará é terra de bons cronistas.

**ABOMIL — ITAÚNA — MINAS** — De certo o seu conto "Qualquer diabo serve" tem qualidades. Nós como estamos elevando o nível do concurso — num ano já é tempo das produções melhorarem — somos levados a uma severidade que acarreta a exclusão do seu trabalho. Esforce-se mais e aqui estaremos, sempre prontos a classificá-lo.



|                                                                                                                 | CR\$  |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------|
| Meditações críticas sobre a língua portuguesa . . . . .                                                         | 40,00 |
| Estra Real — Fernando Amado . . . . .                                                                           | 15,00 |
| Vento sobre a charneira — Alvaro Maia (Um livro dos melhores que se tem escrito na língua portuguesa) . . . . . | 30,00 |
| E eu fui legionário — Almeida Moraes — (História da Legião Estrangeira) . . . . .                               | 16,00 |
| A Herança de Calcutá — Campos de Souza . . . . .                                                                | 45,00 |

|                                                                                                                                         |        |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------|
| Processo Genealógico — Campos de Souza . . . . .                                                                                        | 75,00  |
| O Sábio que Sabia Tudo — Jos Lemos . . . . .                                                                                            | 25,00  |
| As grandes riquezas dos Jesuitas — Amado Gonzalez . . . . .                                                                             | 20,00  |
| Glossário dos Tempos — Antonio Sardinha . . . . .                                                                                       | 30,00  |
| A Lareira de Castela — Antonio Sardinha . . . . .                                                                                       | 22,00  |
| O Método Integral (da cultura do trigo) — Pequito Rebelo (Livro adotado oficialmente pelos governos da Espanha e de Portugal) . . . . . | 37,50  |
| A Águia e a Pomba — V. Sackville West (E tudo de Contrastes (Santa Teresa de Ávila e Santa Teresa de Lisieux) . . . . .                 | 40,00  |
| Anuário Cinematográfico Português (1943-45) . . . . .                                                                                   | 130,00 |
| Descobridores Portugueses — Edgar Prestage . . . . .                                                                                    | 40,00  |
| A Lei Moral e o Sentido do Universo — C. S. Lewis . . . . .                                                                             | 15,00  |
| E Ao Próximo como a nós mesmos — C. S. Lewis . . . . .                                                                                  | 15,00  |
| Para além da Personalidade — C. S. Lewis . . . . .                                                                                      | 13,00  |
| O Integralismo Lusitano — Ramos Ascensão . . . . .                                                                                      | 50,00  |
| Gramática Kinbundo — Língua Africana — José L. Quintão (Prof. da Esc. Superior Colonial) . . . . .                                      | 30,00  |
| Gramática Francesa — Coleção Auxiliares Didáticos . . . . .                                                                             | 30,00  |
| Gramática Portuguesa . . . . .                                                                                                          | 30,00  |
| Gramática Inglesa . . . . .                                                                                                             | 45,00  |
| Gramática Latina . . . . .                                                                                                              | 20,00  |
| Arte de Redigir — Mario Gonçalves Viana . . . . .                                                                                       | 22,00  |
| Pupilas do Senhor Reitor — Julio Diniz . . . . .                                                                                        | 45,00  |
| O Asilo Interno em Direito Internacional Público — Cabral de Moncada . . . . .                                                          | 45,00  |
| Sobre o Conceito da Constituição Política — Dr. José Antonio Brandão . . . . .                                                          | 45,00  |
| O Direito (Ensaio de Ontologia Jurídica) . . . . .                                                                                      | 50,00  |
| Grandeza da Farmácia — J. Alves Silva . . . . .                                                                                         | 75,00  |
| Vasco Fernandes e os Pintores do Sec. XX — Edição Luxuosa de Luiz Reis dos Santos — o maior crítico de arte de Portugal . . . . .       | 300,00 |
| L'Education Moderne — Sesmat . . . . .                                                                                                  | 60,00  |
| A Europa e seus Fantasmas — do notável pensador João Ameal . . . . .                                                                    | 37,50  |
| Desespéro Humano — Soren Kierkegaard . . . . .                                                                                          | 45,00  |
| Idade Média — Dr. Alfredo Pimenta — Da Academia Portuguesa de História . . . . .                                                        | 75,00  |
| Memórias de Um Sargento de Milícias — Manoel Antonio Almeida . . . . .                                                                  | 18,00  |
| Exame da Vida Portuguesa — Dr. José Osório Oliveira . . . . .                                                                           | 18,00  |
| Lições de Filosofia Tomista — Manoel Correia de Barros . . . . .                                                                        | 72,00  |
| Lições de Pedagogia (Chasteau) . . . . .                                                                                                | 22,50  |
| Pedagogia Geral — Mario Gonçalves Viana . . . . .                                                                                       | 90,00  |
| Elementos de Pedagogia — Domingos Evangelista . . . . .                                                                                 | 22,50  |
| Química — Armando Romariz . . . . .                                                                                                     | 27,00  |
| Física . . . . .                                                                                                                        | 27,00  |
| Na Feira dos Mitos — do Grande Pensador Antonio Sardinha, fundador do Integralismo Lusitano . . . . .                                   | 45,00  |
| Insurreição da Carne — Hipólito Raposo . . . . .                                                                                        | 9,00   |
| Descobrimos Ilhas Desconhecidas — Hipólito Raposo . . . . .                                                                             | 30,00  |
| Introdução à História da Literatura Portuguesa — Dr. João Castro Osório . . . . .                                                       | 15,00  |
| Doutrina Social da Igreja (As encíclicas Papais) . . . . .                                                                              | 16,00  |
| Elogio de Coelho Neto — Dr. João Neves da Fontoura . . . . .                                                                            | 25,00  |
| Libertação da França — S. Gomes Branco . . . . .                                                                                        | 20,00  |
| Itália Fora de Combate — Ismael Herraiz . . . . .                                                                                       | 30,00  |
| Viagem na Minha Terra — Almeida Garrett, em caixa . . . . .                                                                             | 112,00 |
| Idem, idem encadernação luxuosa . . . . .                                                                                               | 300,00 |
| As chaves dos Lusíadas — Camões . . . . .                                                                                               | 43,00  |

PEDIDOS PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL SEM DESPESAS DE PORTE A DISTRIBUIDORA CLÁSSICA LATINA — LINS, LTDA. — Avenida Erasmo Braga, 277 — loja

## QUAIS AS DIRETRIZES FUTURAS DO ROMANCE?

A prisão sem limites — A realidade como fundo decorativo — Depoimento do romancista Adonias Filho

ALMEIDA FISCHER

**U** INQUÉRITO que vimos realizando entre os nossos escritores por estas columnas, sobre as diretrizes futuras do romance, tem apresentado os depoimentos mais divergentes a respeito do assunto. E é justamente nessa divergência de opiniões que reside o mérito principal do nosso trabalho. Desse livre debate de idéias, no qual tomam parte escritores de todas as tendências, tanto literárias, quanto políticas, há de resultar um melhor esclarecimento a respeito das possíveis diretrizes futuras do romance no Brasil e no mundo.

Hoje publicamos o depoimento do romancista Adonias Filho, autor de "Os servos da morte", livro que obteve o mais significativo sucesso literário por ocasião da sua lançamento.

Romancista originalíssimo, dono de um temperamento estranho, — fazendo as personagens de seu romance viverem imersas num clima de alucinações e tragédias, de crimes e de morte, Adonias Filho é atualmente, não se pode negar, uma das mais sérias vocações do moderno romance brasileiro.

Sua opinião, num inquérito da natureza do que estamos realizando, é das mais importantes, pois ele representa uma das mais novas tendências da nossa ficção. O FUTURO DO ROMANCE ESTÁ NO SEU PASSADO

Iniciando o seu depoimento, o autor de "Os servos da morte" disse:

— O futuro do romance, como o da eloquência, do drama e da poesia, ainda está no seu passado. A matéria literária, que absolutamente não é social, e apesar do aparente movimento das escolas, permanece sendo a mesma do início. O que pensamos seja moderno, e definimos como uma nova tendência, é tão somente o reflexo de uma análise ou de um

exame mais profundo. Essa dissecação, porém, que já se renovou mil vezes, alcançou o esgotamento inevitável — e se o romancista não deseja atrair o romance, outro caminho não vejo senão o de repelir a função de intérprete, da sociedade ou do mundo, para aceitar a única atitude possível: encerrar-se como um eremita em sua própria imaginação criadora. Um crítico do século passado, digamos Taine, chamaria isso "decifrar emoções". Homem



Adonias Filho

do meu tempo, prefiro outra denominação, mais justa e mais precisa: revelar a existência no círculo dos seus problemas duráveis.

A PRISÃO SEM LIMITES

Continuando o seu depoimento sobre as diretrizes futuras do romance, Adonias Filho declarou: — Aliás, quando autêntico, aparece na época em que aparecer, defende a tese que defender, o

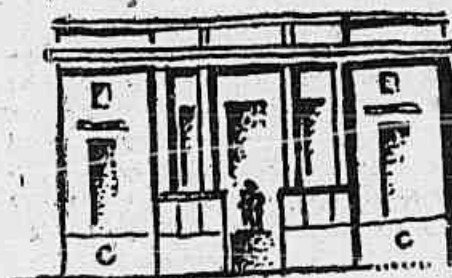
romance não pode fugir a essa prisão paradoxalmente sem limites. Quando romântico, mesmo introduzindo o plebeísmo no gosto literário, as bases que o sustentam não são formais, mas aquelas temas imutáveis que encontramos, a seguir, na própria reação stendhaliana. O cenário exterior, ainda que se projete como profundas raízes coletivas, sempre acaba passando, passando e perecendo. Ao romancista do futuro, como aconteceu com o romancista do passado, a única matéria capaz de interessar ao seu trabalho será o homem em tudo o que possui de eterno e universal.

A REALIDADE COMO FUNDO DECORATIVO

Finalizando seu depoimento, o romancista de "Os servos da morte" disse:

— Naturalmente, não cheguei ao ponto de exigir para o romance um clima tão amplo de introspecção e metafísica que sepultasse a própria sombra da realidade. Investigando e tentando descobrir aquele território ainda desconhecido da criatura, e já que a sua estrutura se entrosou em um movimento, e já que não pode prescindir de uma ação, o romance aproveita a realidade como um fundo decorativo, não porém como um recurso definitivo. Outras são as ruas da cidade, mas Raskolnikov é o mesmo. De resto, se quisermos classificar a realidade pela duração no tempo, somos obrigados a concluir que realidade não há capaz de superar o homem e seus sentimentos constantes: o amor, o ódio, a alegria, o remorso, o crime, a morte.

São esses sentimentos, quero dizer em conclusão, vivos ou adormecidos no romance de qualquer época, que o salvam de um passado ou de um futuro. As diretrizes do romance futuro, pois, são as mesmas do passado.



## No Petit Trianon

OS PREMIADOS DE 1946

concedidos aos jovens expoentes das novas gerações: ao romancista Ciro dos Anjos, autor de "Abdias"; ao poeta Léo Ivo, autor de "Ode e elegia"; ao jornalista Magalhães Junior, o cronista da "Janela aberta"; ao contista Breno Accioly, autor de "João Urso"; ao historiador Helio Viana, o pesquisador da "Contribuição à História da Imprensa Brasileira". Evidentemente está soprando uma salutar rajada de renovação dentro da Academia e isto vem aumentar o brilho e o prestígio da Casa de Machado de Assis, tornando-a, mais do que nunca, uma instituição viva e atuante no programa da cultura brasileira.

**DISTRIBUIÇÃO DOS PREMIOS**  
A entrega dos prêmios de 1946 será realizada hoje em sessão solene, às 4 1/2 da tarde. O Presidente João Neves, abrindo a sessão, fará um pequeno discurso sobre a significação da data e sobre os prêmios que vão ser distribuídos. Em seguida falará em nome dos escritores premiados o sr. Ciro dos Anjos.

**ANIVERSÁRIO DA MORTE DO LIVREIRO ALVES**

Faz hoje trinta anos que morreu o livreiro Francisco Alves, legando toda a sua fortuna à Academia. Celebrando a data, como faz todos os anos, a Academia irá incorporar no túmulo do seu grande benfeitor, e a tarde realizará uma sessão comemorativa.

**UM CENTENÁRIO**

Completa, cem anos de vida, no próximo mês de julho, o pai do acadêmico Gustavo Barroso, que atinge o seu centenário perfeitamente lúcido e forte. O sr. Gustavo Barroso, comemorando este fato, fez na Aca-

demia uma comunicação muito interessante sobre a "Academia Franceza" do Ceará, da qual seu pai foi um dos fundadores. Essa singular Academia, que nasceu em Fortaleza de 1870, congregava as figuras mais ilustres do Ceará, desde Capistrano de Abreu e Tomaz Pompeu do Souza Brasil Filho, até o velho Barroso — grande conhecedor apaixonado da história da Revolução Franceza — que agora completa um século de existência.

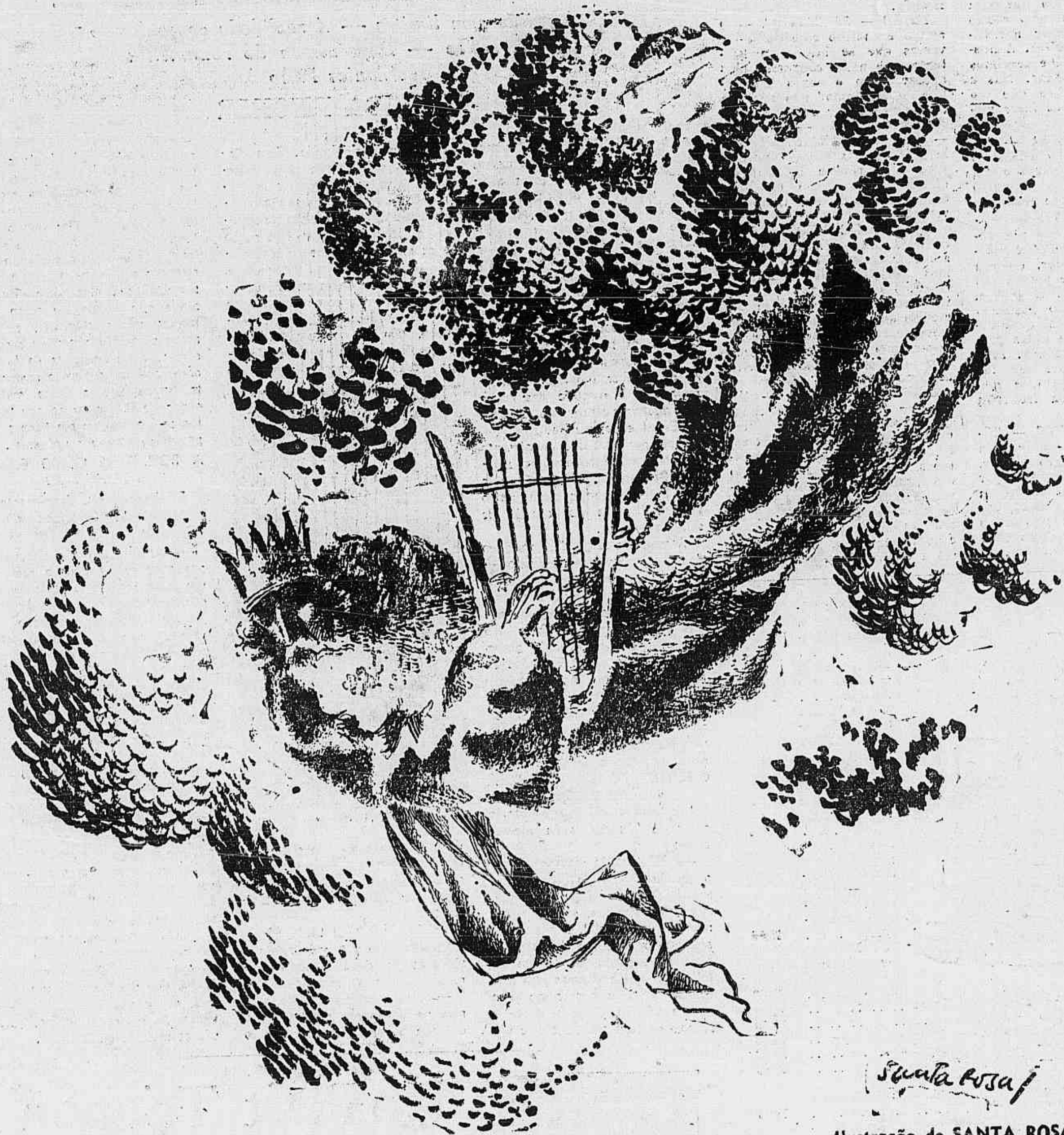
**O ANIVERSÁRIO DA CONFÉRENCIA DE GRAÇA ARANHA**

O sr. João Neves, na última sessão da Academia, lembrou à Casa que passava naquela data mais um aniversário da famigerada conferência de Graça Aranha sobre o movimento modernista. Quem escutasse naquela tarde o sr. João Neves, e voltasse um rápido olhar para esses anos que passaram sobre aIVERSA conferência em que Graça Aranha gritou que ou a "Academia se renovaria ou morreria" — há de mentalmente concluir que o líder modernista em parte venceu a sua batalha — porque a Casa de Machado de Assis de fato se renovou. As provas da renovação da Academia estavam presentes e eram nitidas: nos seus quadros — Alceu Amoroso Lima, Manoel Bandeira, Mucio Leão, Cassiano Ricardo, Guilherme de Almeida, Menotti del Picchia, Viana Moog, Rodrigo Otavio Filho, Peregrino Junior, na lista dos seus premiados — Cecília Meireles, Jorge de Lima, Ciro dos Anjos, Léo Ivo, Raimundo Magalhães Junior, Breno Accioly, Helio Viana. A Academia está viva como nunca, não há dúvida. Mas se renovou, inevitavelmente.



# Letras e Artes

RIO DE JANEIRO, 29 DE JULHO DE 1947.



*Santa Rosa*

Ilustração de SANTA ROSA

## DAVID CAINDO

JORGE DE LIMA

SEQUEI O MAR, MATEI OS PEIXES,  
VENHO DO VÍCIO, DA LAMA ESCURA,  
QUERO DE BRUÇOS CAIR NO CHÃO  
TIRAR MEUS OLHOS, DEIXAR QUE O FOGO  
VENHA LAMBER MEU CORAÇÃO.  
QUE VALEM OS OLHOS  
NA ESCURIDÃO?  
SEQUEI O MAR, MATEI O MUNDO,  
AVES DO CÉU  
COMEI MEU CRÂNIO.  
MINHA PALAVRA CAIU NAS PEDRAS.  
SOU VOSSO MUDO SENHOR MEU DEUS.  
VENTO VIOLENTO  
SECAI MEUS TÍMPANOS,  
EU TENHO MEDO DA IRA SANTA.  
DEIXAI SOMENTE DENTRO DE MIM  
A PRIMITIVA DOR QUE REINOU.  
VENTO DE DEUS SOPRAI MINHA DOR,  
A PRIMITIVA DOR QUE REINOU,